

REVISTA



inovar

Agosto/Setembro 2015
12ª edição

APRENDER FAZENDO



A Robótica Educacional
como ferramenta no
ensino de competências



ARTIGO
Modelagem e tecnologia
no ensino da Matemática
para a sociedade brasileira
contemporânea
Silvio Marcelino da Silva



ARTIGO
A Importância do trabalho de
Ginástica Artística na Educação
Física Escolar
Fabíola Meirelles Costa

EXPERIÊNCIA
Biblioteca de Classe
Graziella Diniz Borges

EXPERIÊNCIA Vivência do Carisma nas Escolas dos Irmãos do Sagrado Coração
Eliane de Rossi Marconato

ÍNDICE



artigo

Modelagem e tecnologia no ensino da Matemática para a sociedade brasileira contemporânea

Silvio Marcelino da Silva



artigo

A Importância do trabalho de Ginástica Artística na Educação Física Escolar

Fabíola Meireles Costa



experiência

Vivência do Carisma nas Escolas dos Irmãos do Sagrado Coração

Eliane de Rossi Marconato



artigo

Entenda o TDAH

Marília Piazzini Seno

18

artigo

Aprender fazendo

Renato Ramos

37



sugestões

Revista Mundo Jovem

Publicação com assuntos interessantes sobre o universo juvenil

21



experiência

Biblioteca de Classe

Graziella Diniz Borges

38



galeria de arte

Trabalhos artísticos produzidos por alunos do Colégio Cristo Rei

28



opinião

O Educador na Educação Infantil

Gilvania Ribeiro Tardim

43



redações em destaque

Textos produzidos por alunos do Colégio Cristo Rei

31



coluna

Afinal, o que é Amor?

Édio João Mariani

editorial



PROF. DR. ÉDIO JOÃO MARIANI
Diretor Geral do Colégio Cristo Rei

Olhar sensível, bagagem teórica e experiências práticas

A constante busca pela
plenitude de ensinar

EXPEDIENTE

Produção: Depto. de Marketing do Cristo Rei
Responsável: Alexandre de Oliveira Andrade
Jornalista: Natália Santos (Mtb. 51.793)
Design Gráfico e editoração: Márcio Rodrigo Martins
Imagens: José Antônio (Zem)
Revisão: Profa. Fernanda Peres
Colaboração: Equipe pedagógica do Cristo Rei
Fale conosco: marketing@crstorei.com.br

Diretor Geral: Édio João Mariani
Diretores administrativos: Ir. José Roberto de
Carvalho e Ir. Elton Lopes

RESPONSÁVEIS DE SETOR

Pedagógico: Heloísa Caprioli M. Silva, Sabrina
Sacoman Campos Alves, Regina Cristiane N. Campos
Peres, Verediana de Rossi F. da Cunha, Lourival F. da
Cunha, Mariana Spadoto de Barros, Eliane de Rossi
Marconato, Luiz Célio de Oliveira, Selma Leila B.
Martins e Gilson José Amancio.

Secretaria: Ivo F. Dutra
Tesouraria: Elizabeth Cristina Mazzo
Biblioteca: Lucirene A. Catini Lanzi
Juventude Cristo Rei: Ir. Felipe Paiva
Gráfica: Ronaldo Antonio Pallota
Serviços Gerais: Edivaldo Lacerda Rocha
Tecnologia: Rogério Henrique da Silva

COLÉGIO CRISTO REI
Av. Cristo Rei, 270 - Bairro Banzato - Marília/SP -
Cep: 17.515-200
Fone: (14) 3402-2399

www.crstorei.com.br / colegio@crstorei.com.br

Ensinar... para muitos um dom, para alguns uma arte, para outros uma missão. Embora sejam várias as formas de definir o ato de orientar a formação e compartilhar conhecimentos, todos sabemos da relevância do processo de ensino.

É justamente essa relevância que leva educadores a refletirem e pesquisarem constantemente sobre os métodos e recursos que contribuem com a aprendizagem. Afinal, diante do fluxo cada vez mais intenso de informações, de alunos cada vez mais questionadores e da sociedade em constante transformação, é inevitável, e até saudável, que as estratégias e os caminhos formativos sejam revistos e adaptados.

Por isso, professores, coordenadores pedagógicos e todos os profissionais envolvidos no dia a dia escolar estão sempre atentos a comportamentos, dinâmicas de sala de aula, facilidades e necessidades dos educandos.

Com o olhar sensível, com bagagem teórica e experiências práticas, os educadores estudam e lançam mão de ferramentas, metodologias e situações que tornam a aprendizagem mais empolgante, eficiente e plena.

São alguns destes estudos e experiências que recheiam as páginas desta Revista. Nos artigos que você verá a seguir, nossos colaboradores apresentam alguns recortes de pesquisas, observações e aplicações que agregam novas possibilidades e oportunidades para a formação das crianças, adolescentes e jovens.

Tecnologia, esporte, fé, sentimentos, projetos... Tudo isso e muito mais integra a Educação de qualidade, por isso esperamos que o seu encontro com nossas reflexões seja um agradável passeio pelas belezas da vida, pelo amor ao próximo e, principalmente, pela grandiosidade de ensinar.

Aproveitem a leitura!

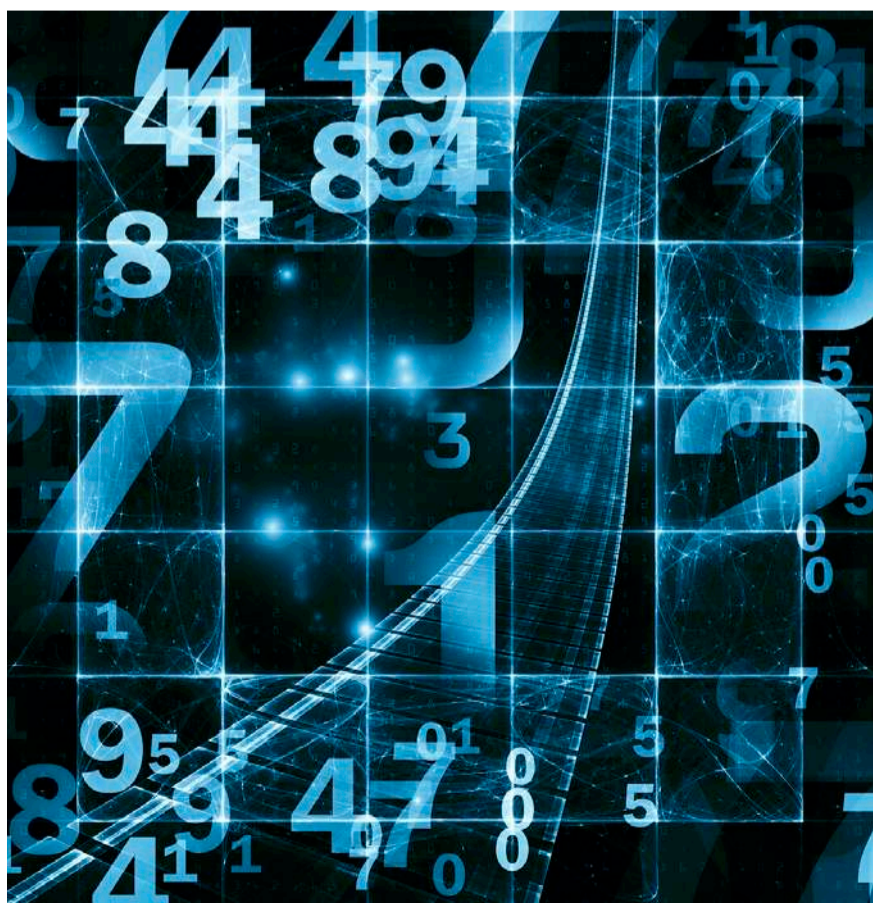
artigo



Modelagem e tecnologia no ensino da Matemática para a sociedade brasileira contemporânea

A Matemática, na maioria das vezes, é vista pelos alunos como algo extremamente complexo, sem fácil manuseio e a complexidade na interpretação e resolução de problemas propostos acaba se tornando um paradoxo na concepção dos educandos de que o principal fator que desencadeia este insucesso é que aquele que não compreende os assuntos, não possui talento ou inteligência o suficiente para desenvolvê-la.

Com base nisso, verificou-se uma possibilidade de adequação do ensino por meio de projetos, ou seja, uma forma de incitar que os alunos busquem um conhecimento de forma organizada, orientada, com objetivo de favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares para saberem tratar as informações adquiridas, relacionar os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses no processo de construção do conhecimento, e transformar a informação em conhecimento próprio.



O primeiro aspecto considerado se refere à visão da Matemática que em geral norteia o ensino: considera-se a Matemática como uma área do conhecimento pronta acabada, perfeita, pertencente apenas ao mundo das ideias e cuja estrutura de sistematização serve de modelo para outras ciências. A consequência dessa visão em sala de aula é a imposição autoritária do conhecimento matemático por um professor que, supõe-se, domina e o transmite a um aluno passivo, que deve se moldar à autoridade da "perfeição científica". Outra consequência e, talvez, a de resultados mais nefastos, é a de que o sucesso em Matemática representa um critério avaliador da inteligência dos alunos, na medida em que uma ciência tão nobre e perfeita só pode ser acessível a mentes privilegiadas, os conteúdos matemáticos são abstratos, e nem todos têm condições de possuí-los. (CARVALHO, 1991, p. 15)



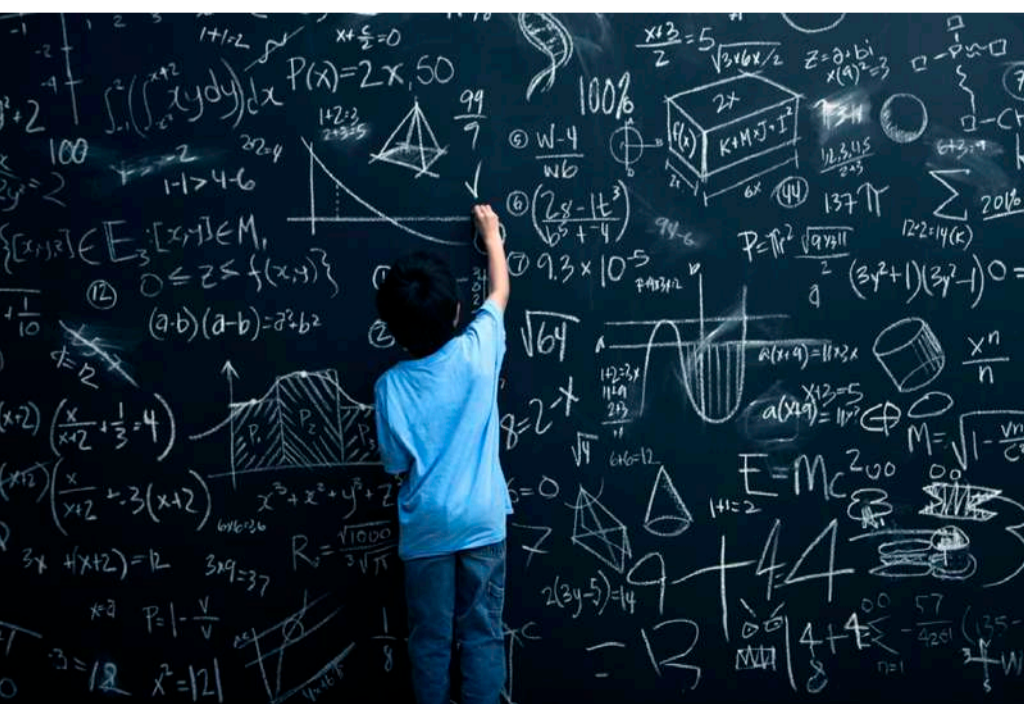
artigo

Podemos verificar um contraponto nesta ideia, considerando que quando um professor explicita a ideia de problema, isso imediatamente causa um desequilíbrio no aluno, forçando-o a pensar que há uma exigência de solução para a questão e o leva a utilizar seus recursos intelectuais para a resolução do mesmo. " [...] não se aprende Matemática para resolver problemas e, sim, se aprende Matemática resolvendo problemas" (CARVALHO, 1991, p. 82). Neste caso o educador deve adotar uma postura que incite nos alunos uma postura de busca, ou seja, de pesquisa para sanar a questão e não de desestruturador que exige raciocínios catedráticos.

Diante dessa perspectiva, qualquer situação que vise favorecer o aprendizado deve constituir-se em situação-problema para o aluno a que se destina, ou seja, a proposta de tarefa feita pelo professor deve ser tão interessante que crie, na classe, um clima de pesquisa, de busca de solução para os problemas que emergirem da proposta. Nessa perspectiva não existe "aula" de resolução de problemas e sim situações de ensino onde, a partir de pesquisa sobre problemas emergentes ou de propostas problematizadoras, é elaborado o conhecimento matemático e essa elaboração suscita novos problemas. (CARVALHO, 1991, p. 82

Quando falamos de Método de Ensino, temos que levar em conta a etimologia, ou seja, "método" significa caminho para atingir um objetivo, porém estes métodos não se realizam voluntariamente por si, é necessário uma organização de várias ações que visam atingir estes objetivos determinados anteriormente. Os mais variados ramos do conhecimento desenvolvem métodos apropriados aos seus objetivos. "O professor ao dirigir e estimular o processo de ensino em função da aprendizagem dos alunos, utiliza intencionalmente um conjunto de ações, passos, condições externas e procedimentos, a que chamamos métodos de ensino." (LIBÂNEO, 1994, p. 150), portanto professores e alunos, cada qual utilizam de um método para que os processos de ensino e de aprendizagem se estabeleçam conforme expresso a seguir:

[...] à atividade de explicar a matéria corresponde o método de exposição; à atividade de estabelecer uma conversação ou discussão com a classe corresponde o método de elaboração conjunta. Os alunos, por sua vez, sujeitos da própria aprendizagem, utilizam-se de métodos de assimilação de conhecimentos. Por exemplo, à atividade dos alunos de resolver tarefas corresponde o método de resolução de tarefas; à atividade que visa o domínio dos processos do conhecimento científico numa disciplina corresponde o método investigativo; à atividade de observação corresponde o método de observação e assim por diante. (LIBÂNEO, 1994, p. 150-151)



Alguns educadores acreditam que as regras de dedução que são características fundamentais do raciocínio matemático do adulto são obtidas lentamente num processo simples de acordo com a interação que este indivíduo foi tendo com o meio desde sua infância, estes professores, respeitando o conhecimento experimental que estes alunos trazem de seu desenvolvimento pessoal, acabam contribuindo para que estes alunos continuem os estudos da Matemática com mais segurança e tranquilidade. Um fator muito importante a ser levado em consideração é a comparação da aprendizagem relacionada a algoritmos. "Em Matemática, definimos algoritmo como uma sequência de um número finito de procedimentos, realizados para se chegar ao resultado de um cálculo [...]" (TOLEDO; TOLEDO, 1997, p. 10), utilizando-se dessa informação, um educa-



artigo

dor que trabalha de maneira coerente não impõe ao educando uma forma única de operacionalizar um cálculo matemático, mas aceita e reconhece os diferentes algoritmos capazes de solucionar uma única questão de diversas formas e assim acaba por motivar o aluno no desenvolvimento de sua aprendizagem.

Com relação a Modelagem Matemática, foi possível encontrar uma série de etapas e definições de vários autores acerca do tema, um deles chamou grande atenção por sua organização prática e objetiva: Brassanezi (apud RIBEIRO, 2008, p.67) "podem ser identificadas três grandes etapas: a escolha do tema, a coleta de dados e a formulação de modelos". Nessa ordem, quis se dizer que a partir da escolha do tema, são definidas as possíveis situações de estudos; a coleta de dados pode se dar através de entrevistas, pesquisas e realização de experiências; e enfim, organizado todos estes dados, conduz-se à formulação matemática dos modelos.

Com tantas tecnologias acessíveis atualmente e facilmente nas mãos de crianças, adolescentes e adultos, que os manipulam com destreza e muita habilidade, há que se considerar uma mudança significativa na reação destes indivíduos com o ambiente escolar, muito diferente que em décadas anteriores. Isso nos leva a perceber que o que deu certo no passado, talvez necessite alguns ajustes para poder dar certo também no presente e efetivar o processo de aprendizagem. Diante desta nova realidade se faz necessário repensar os objetivos da Matemática, ou seja, a habilidade e a agilidade que anteriormente

eram levados em consideração no momento de efetuar cálculos, agora dá lugar para a necessidade de entender as várias possibilidades de se chegar a um resultado, impulsionando o desenvolvimento de estratégias mais eficientes para solucionar problemas, enquanto que as tecnologias ficam incumbidas apenas das operações padronizadas e repetitivas. Assim podemos concluir, sem sombra de dúvidas, a grande importância do papel do educador como condutor/mediador no processo de construção do conhecimento, e das tecnologias como ferramentas de auxílio e não de solução principal para as deficiências dos processos de ensino e de aprendizagem, afinal, em meio a tantas possibilidade de recursos de aprendizagem, sabemos que ainda há condições pré-existentes que podem ocasionar grandes problemas como os déficits de atenção.

Com o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas, seria muito difícil – e mesmo temerário – fazer previsões sobre quais conteúdos da matemática serão mais úteis aos alunos no futuro. No entanto, pode-se ter certeza de estar no caminho correto quando as crianças são preparadas para enfrentar situações novas com criatividade e entusiasmo diante do desafio, em vez de ser apenas instrumentalizadas com fórmulas e modelos-padrão para aplicar em situações conhecidas e específicas. (TOLEDO; TOLEDO, 1997, p. 12)

Considerações

Com base no estudo desenvolvido, podemos dizer que surge uma questão para os professores de Matemática refletirem no momento em que estão lecionando sua disciplina, ou seja, será que seu trabalho conseguirá se efetivar diante da sua postura e recursos utilizados, ou será que deve haver uma mudança de estratégia para se atingir o objetivo esperado.

A modelagem deve ser aplicada não apenas no campo da Matemática, mas em todas as outras áreas de conhecimento, ela permite uma mescla muito produtiva, pois utiliza a experiência do professor e os conhecimentos pré-adquiridos que os alunos trazem em sua bagagem estudantil, de suas vivências em sociedade e em família. A modelagem une os preciosos conhecimentos da Didática, e suas metodologias tradicionais com recursos tecnológicos inovadores, permitindo que novas formas de ensino aconteçam com maior abrangência desde a





artigo

educação infantil, até o ensino superior, permitindo aproveitamento quase que integral por todos os indivíduos envolvidos no processo. Até mesmo o professor é capaz de adquirir novos conhecimentos e repensar os já solidificados, no momento em que se dispõe intensamente neste processo de integração, como já refletido por Paulo Freire no trecho a seguir:

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um burocrata da mente, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às adivinhações dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade – o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado. (FREIRE, 1997, p.19)

Ao investigar e problematizar um determinado tema, criando perguntas, selecionando, organizando, manipulando e refletindo sobre informações obtidas acerca do mesmo, articula-se um determinado envolvimento entre conteúdo, professor, alunos e recursos tecnológicos para o desenvolvimento de uma atividade. Essa proposta traz a Matemática para mais perto do aluno e, conseqüentemente, ele passa a perceber a sua importância em seu cotidiano.

Levando-se em conta as mudanças sociais, bem como a postura das novas gerações e a utilização da tecnologia na vida escolar e social destes indivíduos, é certo que a Modelagem Matemática não deve ser usada como uma única metodologia de ensino, o professor como figura central, à frente do proces-

so de ensino, deve adequar sempre a melhor metodologia, a melhor didática às condições oferecidas para no exercício das suas atividades, com isso, explorando ao máximo a utilização de jogos, brincadeiras, história, resolução de problemas, interdisciplinaridade, enfim, usar todos os seus recursos para obter o melhor resultado possível no ensino da Matemática.

Referências bibliográficas

- CARVALHO, D. L. de. *Metodologia do ensino da Matemática*. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor).
- CASTRO, A. D. de. *A Trajetória Histórica da Didática*. São Paulo: FDE, 1991. Páginas 15-25.
- FREIRE, P. *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar*. São Paulo: Olho d'Água, 1997. 84 p.
- GALIANO, G. A. *O método científico teoria e prática*. São Paulo: Harbra LTDA, 1986.
- LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994. (Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor).
- MELO, A. de; URBANETZ, S.T. *Fundamentos de didática*. Curitiba: Ibpx, 2008. 186 p.
- RIBEIRO, F. D.; *Jogos e modelagem na educação matemática*. Curitiba: Ibpx, 2008. 124 p.
- SÓ MATEMÁTICA. *O que é Modelagem Matemática*. Net. Marília, out., 2013. Disponível em: <http://www.somatematica.com.br/artigos/a8/p2.php>. Acesso em: 22 out. 2013.
- TOLEDO, M.; TOLEDO, M. *Didática de matemática: como dois e dois: a construção da matemática*. São Paulo: FTD, 1997. Conteúdo e Metodologia.
- WACHILISKI, M. *Didática e avaliação: algumas perspectivas da educação Matemática*. Curitiba: Ibpx, 2007. 126 p.



SILVIO MARCELINO DA SILVA

Possui especialização em Metodologia do Ensino de Matemática e Física, professor de Matemática no Ensino Médio e Superior.

artigo



A importância do trabalho de Ginástica Artística na Educação Física Escolar

Neste artigo, pretendemos conscientizar os leitores sobre a importância da prática da Ginástica Artística na Educação Física Escolar. Com a prática da Ginástica Artística, a criança terá estímulo para o desenvolvimento de qualidades físicas e psicomotoras, tais como: força, flexibilidade, agilidade, velocidade, coordenação motora, equilíbrio, noções de espaço e tempo, lateralidade, percepção e sentido cinestésico. No aspecto afetivo-social os ganhos são visíveis, principalmente no que diz respeito à socialização, aumento da autoestima e desenvolvimento de traços de personalidade, tais como: organização, ação, disciplina, responsabilidade, coragem e solidariedade. Características cognitivas também se observam, tais como a capacidade de análise e desenvolvimento da memória. Com tantos benefícios, seria injusto que somente uma parte da população pudesse usufruir dessa modalidade, pois se tratando de um esporte elitizado, com materiais caros, o acesso fica restrito a clubes.



Educação Física Escolar e Ginástica Artística

Alguns autores justificam os conteúdos da Ginástica Artística nas aulas de Educação física, entre eles, Marcassa (2004) corroborando com Soares (1998), destaca que a ginástica no contexto da Educação física escolar deve ser pensada como um tema que insere os alunos na cultura corporal, nessa perspectiva, essa modalidade deve ser conhecida e experimentada.

Nista-Piccolo (2005) reforça citando que por ser uma atividade na qual a criança sente prazer na execução de acrobacias, estimulando a criatividade e a expressão corporal combinada aos seus elementos gímnicos, além de socializar o educando desde o momento da aprendizagem, quando há necessidade de ajuda mútua entre os companheiros. Tratando-se de uma



artigo

visão educativa, esses elementos gímnicos tornam-se fundamentais nas aulas de Educação Física escolar.

Hostal (1982) reforça a ideia afirmando que a Ginástica Artística, nas aulas de Educação Física, colocam a criança em relação com o próprio corpo, permitindo descoberta de diversas partes do corpo, segmentos e membros, assim como a ação de grupos musculares e das articulações e a oportunidade do aprimoramento de vários movimentos exigidos pelos fundamentos da citada modalidade.

Alguns conceitos e definições da Educação Física, nos aspectos legais e na visão de alguns autores, vão a favor dos conteúdos da Ginástica Artística nas aulas, de acordo com as justificativas dos autores citados acima, os quais destacaram alguns pontos em comum, como o estímulo à criatividade, o desenvolvimento motor e das capacidades físicas, além do prazer na execução dos exercícios.

Em nível nacional de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) da Educação Física estão organizados em três blocos: Esportes, Jogos, Lutas e Ginástica; Atividades rítmicas e expressivas e conhecimento sobre o corpo, a Ginástica Artística é abordada no primeiro bloco, com finalidades diversas como preparação para outras modalidades, podendo ser feita de forma recreativa, formativa e competitiva, envolvendo, ou não, a utilização de materiais e aparelhos.

Ginástica Artística e Desenvolvimento Motor

De acordo com Gallahue (2003), o desenvolvimento é um processo contínuo que se inicia na fecundação e termina com a

morte. O desenvolvimento, segundo esse autor, inclui todos os aspectos do comportamento humano, e como resultado, somente artificial pode ser separado em áreas, fases ou faixas etárias. A aceitação crescente do conceito de um desenvolvimento permanente é muito importante. Da mesma maneira, como o

estudo do movimento no período neonatal, na infância e na vida posterior, o ganho com o aprendizado do desenvolvimento motor em todas as idades e com análise desse processo dura a vida toda.

Nas aulas de Educação Física, o movimento se expressa como fator essencial da aprendizagem e da vida.

Gallahue (2003) reforça que o processo de desenvolvimento e, mais especificamente, o do desenvolvimento motor, deveria lembrar-nos constantemente da individualidade do aprendiz, pois muitos fatores que envolvem habilidades motoras e desempenho físico interagem de maneira complexa com o desenvolvimento cognitivo e afetivo. Cada um desses fatores é, por sua vez, afetado por ampla variedade de exigências relacionadas

a tarefas específicas, biológicas e ambientais.

Nesse sentido Papalia et al. (2006) afirma que fatores como hereditariedade; ambiente e a maturação influenciam no desenvolvimento humano.

Na infância, o desenvolvimento motor se caracteriza pela aquisição de grande número de habilidades motoras, que possibilitam à criança um amplo domínio do seu corpo em diferentes posições e/ou posturas estáticas e dinâmicas. O que lhes





artigo

permite locomover-se no ambiente de variadas formas, texturas e tamanhos.

Segundo Grespan apud Peixoto (2006), no primeiro ano do ensino fundamental, normalmente aos 6 anos de idade a criança já tem desenvolvido sua noção de esquema corporal, reconhece as partes do corpo e relaciona-se bem com objetos. Nessa fase, ela está apta a se envolver em uma intensa gama de atividades, tem apreço pela reprodução e imitação de ações e está aberta à aprendizagem escolar, por que seus interesses tornam-se mais sistemáticos.

De acordo Gallahue apud Peixoto (2006), a partir dos 10 anos de idade, há um grande salto de evolução das estruturas anatômicas e nervosas. Nesta fase, a criança possui um domínio psicomotor equivalente ao adulto, seu domínio motor global é bem favorecido pela facilidade de assimilação e disponibilidade motora, favorecendo a prática de atividades mais complexas que envolvem deslocamentos, precisão e equilíbrio.

Sabe-se que, dos 6 aos 10 anos, as exigências de movimentos, segundo o autor da teoria desenvolvimentista, como Gallahue, são compatíveis com as atividades que a Ginástica Artística proporciona, Nista-Piccolo (2005 p. 113).

A Ginástica Artística, de acordo com Wernwr apud Nunomura & Tsukamoto (2003), é uma modalidade que desenvolve, de maneira bastante eficaz, as capacidades motoras. A variedade dos exercícios influi sobre todo aparelho locomotor, bem como auxilia no desenvolvimento do domínio cognitivo e da propriocepção. Ela também estimula outras qualidades como, a criatividade, a perseverança e a coragem. Brikina apud Nunomura & Tsukamoto (2003) confirma, que a combinação ilimitada dos movimentos, suas variações e complexidade, permitem a aplicação de um grande número de exercícios físicos diferentes por sua forma e coordenação, levando seus praticantes a valorizarem suas possibilidades motoras.

Sendo assim, a Ginástica Artística possui um amplo repertório de exercícios que podem ser executados através de combinações de seus elementos básicos de movimento, os quais podem produzir diferentes tipos de ações motoras, contribuindo

do ao desenvolvimento motor.

“A variedade dos exercícios influi sobre todo aparelho locomotor, bem como auxilia no desenvolvimento do domínio cognitivo e da propriocepção.”

A Ginástica Artística e a Aprendizagem motora

Gallahue (2003), Shmidt (2001) e Teixeira (2005) estão de acordo que a aprendizagem motora é uma interação entre o indivíduo (aluno/educando), a tarefa (atividade a ser desenvolvida) e o ambiente (contexto no qual será desenvolvida a atividade).

Inicialmente, o indivíduo precisa identificar o problema motor, por exemplo: executar uma parada de mãos (ficar em posição invertida), com as mãos apoiadas no chão e os pés para cima. Em seguida, essa pessoa precisa formular um plano de ação, em que gerará uma hipótese de como seria possível realizar tal objetivo, e o local adequado, ou seja, isso é feito imaginando-se as possíveis formas de atender a essa tarefa.



Teixeira apud Teixeira (2005) afirma que o estágio de aprendizagem é específico à tarefa motora, o que significa dizer que o fato de alguém estar em um estágio avançado em uma habilidade, não diz absolutamente nada sobre o estágio de aprendizagem desse indivíduo em uma tarefa posterior, a menos que essas habilidades possuam elementos em comum.

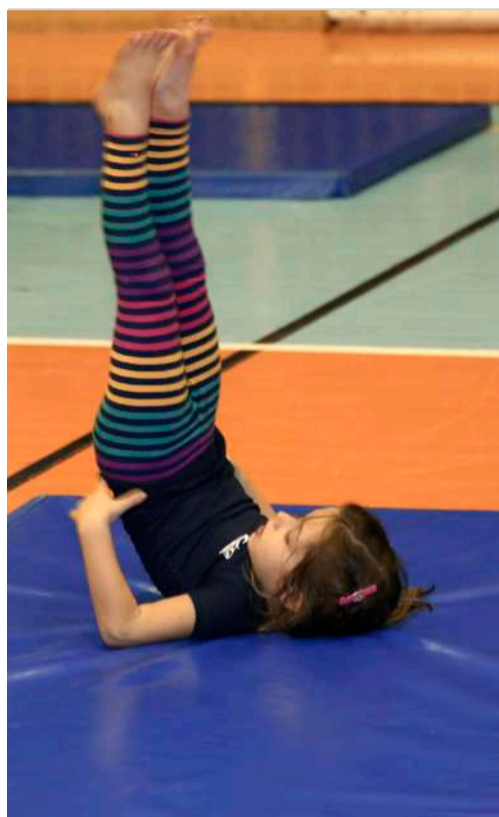


artigo

A detecção correta do estágio por parte do orientado permite a ele formular estratégias apropriadas de organização entre a tarefa e o ambiente da prática.

O autor citado destaca quatro critérios mais usados para classificar uma tarefa, são eles: a demanda de precisão, a identificação do ponto de início, o processamento de "feedback" e a estabilidade do ambiente. O primeiro critério diz respeito ao tamanho do grupo muscular no controle dos movimentos na execução da aprendizagem motora. O segundo critério de classificação da tarefa, a partir da identificação do ponto de início da ação, distingue as habilidades motoras em discretas, seriadas ou cíclicas. O referencial empregado nesse critério é que se existe na tarefa um ponto de início bem definido, é classificada como habilidade discreta. Exemplo: salto simples. Na habilidade cíclica de tarefas motoras dessa categoria, uma vez iniciada a ação, não é possível reconhecer os pontos de início ou de fim, pois sua característica repetitiva, em que alguns movimentos, são executados várias vezes, ou seja, de forma cíclica, é sua marca registrada. Exemplos: giros nas barras, andar, correr etc. E quando a classificação de tarefas motoras envolve a combinação de duas tarefas motoras ou mais, são classificadas como tarefas seriadas. Exemplo: Uma série de Ginástica Artística no solo. O terceiro critério, da disponibilidade de informação de "feedback", é um tipo de informação especial, a qual é gerada durante a execução de um movimento, que retorna ao executante por diferentes vias sensoriais, ou seja, a visual, a auditiva, a tátil e a proprioceptiva.

Um fator decisivo para a classificação da habilidade quanto ao uso do "feedback" é o tempo para se completar uma ação. Exemplo: o salto mortal, no qual o executante realiza um ou mais giros em torno do eixo transversal do corpo em um curto intervalo de tempo. Uma vez iniciada a ação não é mais possível se fazer ajustes de rota ou de tempo, caso o executante tenha cometido algum erro de programação dos movimentos, habilidades com essas características são classificadas como de circuito aberto de "feedback", as habilidades com tempo bastante longo, requerendo alguns segundos para que a execução seja completada é classificada como de circuito fechado de "feedback". Isso pode ser notado na Ginástica de solo e em todos os aparelhos da Ginástica Artística, que implica na capacidade de promover ajustes durante o movimento, corrigindo-se erros eventualmente cometidos em fases prévias da execução.



O quarto critério está baseado na estabilidade do ambiente em que a tarefa é realizada. Considera-se como estabilidade ambiental a frequência com que os elementos críticos para a execução da tarefa são modificados durante a execução, ou seja, o ambiente permanece estático do início ao fim da ação motora, de modo que todas as decisões são tomadas antes do início da ação. Nessa categoria, estão todas

as tarefas realizadas na Ginástica Artística. Vale lembrar que existe o que denominamos de tarefas de ambiente instável (aberto), que são aquelas em que o executante necessita avaliar continuamente o que acontece no ambiente a sua volta durante o desdobramento do ato motor, a fim de que se consiga tomar decisões apropriadas e atingir o seu objetivo. Exemplo: interceptar e rebater objetos e jogos em movimentos.

Teixeira (2005) explica a relação da Ginástica Artística com a aprendizagem motora, ao afirmar que, ao se falar em aprendizagem motora, referimo-nos a alterações observáveis no desempenho motor, que frequentemente são quantificadas de forma qualitativa, como se faz em torneios de Ginástica Artística. Onde se observa a execução de uma série e/ou habilidade isolada.

Nista-Piccolo (2005), afirma ser extremamente importante aprimorar o equilíbrio corporal da criança em atividade que exigem equilíbrio dinâmico, estático e recuperado. A trave de equilíbrio, trabalhada com movimentos simples e de fácil execução, oferece grandes possibilidades de atingir a esse objetivo, aumentando sempre a complexidade dos exercícios dados, buscando alcançar o equilíbrio desejável para a aprendizagem motora.



artigo

A mesma autora cita que na evolução sensório-motora, a criança elabora seu esquema corporal, mas, para tanto, é preciso ter as noções espaciais e temporais bem trabalhadas. Para organizar essas percepções relativas ao próprio corpo, de acordo com a autora, é imprescindível vivenciar atividades no solo, em colchões ou gramado. Nesta perspectiva, os elementos de Ginástica Artística desenvolvidos no solo trazem experiências fantásticas em relação à noção espacial. Segundo a autora, como exemplo, perceber os pés na posição vertical invertida da parada de mãos pode proporcionar consciência do corpo, difícil de ser experimentada. Além disso, os elementos ginásticos e acrobáticos que compõe os fundamentos da Ginástica Artística são básicos para a evolução motora de qualquer criança.

Já que a Ginástica contribui e muito no esquema e consciência corporal (adaptação em diferentes espaços: horizontal, vertical, alturas, velocidades; na busca de equilíbrio em situações inabituais: suspensão, apoio livre no ar, em posições invertidas e em rotações; na coordenação motora: solicitação da ação simultânea de braços e pernas; na postura e no ritmo), no desenvolvimento psicomotor nos domínios (cognitivo: entender o que faz tomar consciência, conhecer-se, decidir; afetivo: controlar as emoções, saber comportar-se com disciplina e responsabilidade, ousar, aceitar e mostrar-se; e motor: executar ações propostas, melhorar as capacidades físicas), no desenvolvimento psicológico-psíquico (adaptação ao não familiar, vontade de ser bem sucedido, coragem, ousadia e audácia, autoafirmação, domínio e confiança e espírito de luta e perseverança) no desenvolvimento físico (melhora na postura com o tônus muscular, melhora das capacidades físicas: flexibilidade muscular, mobilidade articular, força estática, dinâmica, explosiva, potência, velocidade, impulsão dos braços e pernas, controle e coordenação em diversas posições e senso de orientação em diversas posições), no plano mental (atenção, reflexão, concentração, percepção, imaginação, antecipação e memorização) e no plano social – relação criança x criança x professor (responsabilidade, iniciativa, disciplina, respeito, cooperação, auxílio mútuo e espírito crítico), podemos e devemos trabalhá-la na Educação Física escolar, pois, nessa perspectiva, podemos afirmar que a Ginástica Artística nas aulas de Educação Física Escolar pode contribuir para a formação integral da criança com base numa aprendizagem motora eficiente.

Referências bibliográficas

GALLAHUE,D.O.,J.C. **Compreendendo o desenvolvimento motor:** bebês, crianças, adultos e idosos. São Paulo: Phorte, 2005.

HOSTAL,P. **Pedagogia da Ginástica Olímpica.** São Paulo: Manole, 1982.

MARCASSA,L. **Metodologia do ensino da ginástica.** In: Pensar a prática 7/2: 171-186, Jul./Dez. 2004.

NISTA-PICCOLO, V.L. Crescendo com a ginástica. In: _____. (ORG.). **Pedagogia dos esportes.** São Paulo. Papirus: 2005. P. 13.

PAPALIA, Daiane E. et al. **Desenvolvimento Humano.** Porto Alegre: Artemed, 2006.

TEIXEIRA,L.A. **Aprendizagem de Habilidades Motoras na Ginástica Artística.** In: NUNOMURA,M.& NISTA-PICCOLO,V.L.(ORGS.). **Compreendendo a Ginástica Artística.** São Paulo. Phorte: 2005.p.77-128.

TSUKAMOTO,M.H.C. & NUNOMURA,M. **Aspectos maturacionais em atletas de Ginástica olímpica do sexo feminino.** In: Motriz, Rio Claro,v.9, n.2, p.111-116, maio./ago. 2003. Disponível em : <[http:// http:// cecemca.rc.unesp.br/gs/](http://http://cecemca.rc.unesp.br/gs/)>. Acesso em 13 ago. 2009.

FABÍOLA MEIRELLES COSTA
Professora de Educação Física
do Colégio Cristo Rei



experiência



Vivência do Carisma nas Escolas dos Irmãos do Sagrado Coração

Conferência entre colaboradores do Instituto na América Latina e Espanha promove formação e integração

O Colégio Cristo Rei foi fundado e é mantido pelos Irmãos do Sagrado Coração. Ao longo de toda a sua história, os religiosos foram responsáveis, junto com colaboradores, pela formação de milhares de crianças, adolescentes e jovens. Um dos principais diferenciais da nossa escola é o “carisma” do Instituto que direciona, motiva e está sempre presente no dia a dia do Colégio. Mas, o que é o Carisma dos Irmãos do Sagrado Coração?

Para aprofundar-me neste assunto, durante o mês de Junho estive em Lima, no Peru, onde aconteceu o 1º encontro de Formação do Carisma dos Fundadores do Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração. A conferência contou com a participação de Irmãos e Colaboradores de alguns países da América Latina como Brasil, Argentina, Peru, Colômbia, Chile e Uruguai, além de representantes da Espanha.

O encontro foi dividido em duas fases: a primeira aconteceu entre os dias 05 e 15 de Junho na qual como representantes do Colégio Cristo Rei fomos eu e o coordenador pedagógico Gilson José Amancio. A segunda fase ocorreu entre os dias 19 e 29 de junho de 2015 sendo o coordenador do Ensino Fundamental Lourival Ferreira da Cunha, o representante do Cristo Rei, no grupo formado por Irmãos e Colaboradores de escolas do Instituto.



Um dos objetivos da Conferência foi transmitir conhecimentos sobre o Fundador da Congregação dos Irmãos do Sagrado Coração, Pe. André Coindre e sobre a origem do Instituto. Além disso, o Encontro fortaleceu os processos provinciais e locais de formação dos membros das entidades da conferência e gerou espaços para a aproximação das fontes de Espiritualidade e Pedagogia do Coração.

Foram dias de escuta, leitura, reflexão, compartilhamento, oração, formação e, claro, passeios, visita a escolas e momentos de integração. Os principais temas trabalhados foram:



experiência

- **Imersão** - O Carisma nas origens: hoje, o que significa? De que forma vivemos também o carisma vivido pelo Padre André Coindre?
- **Impregnação** - O Carisma é vivido? Como o carisma inicial se cristalizou entre Irmão Xavier e Irmão Policarpo?
- **Interiorização** - Um Carisma é um Dom e Dom é algo Espiritual. Um Educador do Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração é um colaborador ou um homem com Carisma? Necessidade de viver uma espiritualidade em vida consagrada e a vida secular (leigo).
- **Atualização** - Como o Carisma se faz Missão? Como Padre André Coindre viveu a Missão? Como nossa tarefa pode ser convertida hoje em Missão? Como o Carisma individual pode ser convertido em Carisma compartilhado na nova comunidade?



• Reflexão sobre a Conferência

O principal objetivo da formação conjunta entre irmãos e leigos foi conhecermos e nos colocarmos a serviço pela ação do Espírito Santo. Entender, aprofundar e propagar o amor através do Carisma do fundador do Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração, nos colocando a serviço da Missão.

É evidente que esta formação permite descobrir o sentido profundo da Promoção Humana, que se torna convertido em uma verdadeira Missão para construção do Reino, para além da simples tarefa humanitária.

Esta formação foi orientada para que cada um, vivendo sua própria vocação, contribuísse de forma significativa para a "Formação do Coração" que adquire, acima de tudo, um encontro com Deus, um relacionamento íntimo com Jesus e com os Irmãos, suscita o Amor que se abre, para o Amor aos outros.

O Carisma de André Coindre foi o tema central de toda a conferência. Isto significa conhecer a vida do nosso Fundador, apreciar o modo como viveu o Evangelho e seus traços proféticos. O que mais me encantou foi seu carinho e dedicação para com as crianças e jovens em estado de vulnerabilidade, voltando às raízes do Carisma.

Em resposta à missão profética, espera-se que possamos continuar as obras com um olhar fraterno em que ocorra a escuta, o diálogo acolhedor para formar uma comunidade de vida



experiência

que se projeta em direção a uma missão em comunhão.

A reflexão comum para concluir as propostas em forma de renovar a nossa missão, a partilhar experiência de vida dos participantes, crescimento comum de enriquecimento, a oração pessoal em comunidade para um encontro mais profundo com Deus e testemunho de vida de cada participante.

A descoberta do Carisma do fundador feita através de leitura de sua vida, na história do Instituto e além disso, reflexão e diálogo entre os grupos de Irmãos e leigos proporcionou não só o conhecimento, como também, a vivência desta prática.



Considerações

Formar-se no Carisma supõe um processo que, partindo de suas origens, chega aos nossos dias. Supõe uma atividade de fidelidade, criatividade e entrega a serviço do próximo, ou seja, viver a educação cristã das crianças e jovens como uma missão. O carisma dos Irmãos do Sagrado Coração nasceu da necessidade das crianças e jovens. O Carisma se atualiza e se renova hoje na Missão.

Não poderia deixar de falar do Ir. Xavier. Suas lembranças se voltam à obra pela qual deu toda sua vida. A sua relação com Padre André Coindre foi decisiva. Ela constitui, de certo modo, um acontecimento fundamental em sua vida, uma fonte inesgotável de inspiração e de generosidade. Neste intervalo, surge nele uma profunda admiração pela pessoa de seu estimado Padre, ao qual ficou estreitamente ligado. No decorrer desses anos, recebeu do Espírito o carisma do fundador e, a seguir, dedicou todas as suas energias a salvar a obra do fundador com muita intensidade.

Outra pessoa com tamanha importância é o Irmão Policarpo. Após momentos difíceis vividos pelos primeiros irmãos, o Ir. Policarpo revigorou os ideais do Padre André, sendo considerado no Instituto dos Irmãos do Sagrado Coração como segundo fundador. Sua importância para o Instituto foi tão marcante que está em curso, em Roma, o processo de sua beatificação.



ELIANE DE ROSSI MARCONATO
Coordenadora Pedagógica do Ensino Médio
do Colégio Cristo Rei

artigo



Entenda o TDAH

Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade

Segundo a Classificação Internacional de Doenças, o CID 10, o TDAH está num grupo de transtornos caracterizados por início precoce - habitualmente durante os cinco primeiros anos de vida - falta de perseverança nas atividades que exigem um envolvimento cognitivo e tendência a passar de uma atividade a outra sem acabar nenhuma. Com base nisso, verificou-se uma possibilidade de adequação do ensino por meio de projetos, ou seja, uma forma de incitar que os alunos busquem um conhecimento de forma organizada, orientada, com objetivo de favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares para saberem tratar as informações adquiridas, relacionar os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses no processo de construção do conhecimento, e transformar a informação em conhecimento próprio.

É o distúrbio neuropsiquiátrico mais comum da infância e está incluído entre as doenças crônicas mais presentes nas escolas. Estima-se que de 3% a 6% das crianças em idade escolar apresentem TDAH.

Imprudentes e impulsivas frequentemente são impopulares entre os colegas, podem apresentar comportamento de isolamento e autoestima rebaixada. Problemas disciplinares por desafio a regras são comuns. O transtorno pode vir acompanhado de déficit cognitivo, atraso no desenvolvimento motor e da linguagem.

Sua causa tem sido apontada por estudos como genética e de origem biológica relacionando-a a alterações no funcionamento cerebral, especificamente nos circuitos neuronais que envolvem o processo da atenção.

As manifestações variam quanto ao tipo e grau. Podendo prevalecer a desatenção ou a hiperatividade-impulsividade existindo, também, o tipo combinado.

O diagnóstico do TDAH é clínico e deve ser feito por um médico, geralmente, neurologista ou psiquiatra. Não existe nenhum tipo de exame que indique se a criança é hiperativa ou desatenta. A hipótese diagnóstica pode ser levantada por



outros profissionais da saúde como psicólogos, fonoaudiólogos ou psicopedagogos.



artigo

OS PRINCIPAIS SINTOMAS SÃO:

- Dificuldade em manter o foco da atenção;
- Não responder quando lhe dirigem a palavra;
- Apresentar comportamento de distração em grande parte do tempo;
- Evitar tarefas que exigem esforço mental como estudar ou fazer um trabalho escolar;
- Perder materiais ou brinquedos com frequência;
- Mostrar-se agitado e mover-se incessantemente;
- Não parar quieto na cadeira e ficar mexendo no estojo, agenda, borracha na sala de aula;
- Falar muito e a todo tempo
- Pedir para sair da mesa frequentemente durante ou após as refeições;
- Distrair-se facilmente por estímulos do ambiente externo ou perdendo-se em seus pensamentos;
- Cometer erros na escrita ou cálculos matemáticos por simples distração;
- Esquecer de passar recados e confundir os dias e horários dos compromissos;
- Ser impulsivo não conseguindo esperar sua vez para falar e interrompendo constantemente conversas de outras pessoas;
- Dificuldades na organização e planejamento de atividades;
- O desempenho sempre parece inferior ao esperado para a sua capacidade intelectual.

O TDAH não é passageiro. É uma condição que acompanhará o indivíduo por toda sua vida, assim como acontece com a dislexia. Dependendo da intensidade dos sintomas e das dificuldades enfrentadas, o uso de medicamentos, muitas vezes, é necessário e até mesmo indispensável. Somente um médico poderá avaliar se há indicação.

Uma vez que o transtorno afeta de modo prejudicial o desempenho acadêmico, os relacionamentos familiares e o convívio social, é fundamental uma intervenção especializada visando minimizar as manifestações.

Referências bibliográficas

Faraone SV. Report from the 4th international meeting of the attention deficit hyperactivity disorder molecular genetics network. *Am J Med Genet B Neuropsychiatr Genet.* 2003;121(1):55-9.

Organização Mundial da Saúde. Classificação de transtornos mentais e de comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes diagnósticas. Porto Alegre:Artes Médicas;1993.



MARÍLIA PIAZZI SENO
CRFa 9535-SP

Mestre em Fonoaudiologia, Especialista em Audiologia, Fonoaudiologia Educacional e Psicopedagogia Clínica e Institucional

artigo



Aprender fazendo

A Robótica Educacional como ferramenta no ensino de competências

Vivemos em um mundo de constantes mudanças e avanços tecnológicos, em que cada vez mais especialistas superinformados dão lugar a profissionais com grande flexibilidade, sociabilização e demais competências.

Porém, como podemos desenvolver estas competências e habilidades na instituição escolar? Inúmeros projetos podem ser listados com o intuito de auxiliar no desenvolvimento das mesmas, porém poucos possuem uma interação tão evidente com a tecnologia como a Robótica Educacional.

Partimos do pressuposto que nossas crianças são nativas digitais, isto é, nasceram no mundo da tecnologia e possuem grande facilidade e entendimento sobre a mesma. Não é raro observarmos bebês fazendo uso de tablets hoje em dia, para estes casos, temo que o tablet tenha substituído a chupeta, com o intuito de acalmar a criança no momento do choro. Porém, se observarmos pelo lado da curiosidade e descoberta, o papel da tecnologia tem sua contribuição no desenvolvimento da criança.

Um dos grandes diferenciais da Robótica Educacional é fazer com que atividades e conteúdos possam ser colocados em prática, dando maior significado aos alunos. Por meio deste processo, é fácil notar que os mesmos não assumem o papel de simples usuários da tecnologia, e sim, inventores e criadores de soluções para determinados desafios. O "Aprender Fazendo" é a base do Construcionismo de Seymour Papert.

A busca do construcionismo é alcançar meios de aprendizagem fortes que valorizem a construção mental do sujeito, apoiada em suas próprias construções no mundo. Dizer que estruturas intelectuais são construídas pelo aluno, ao invés de ensinadas por um professor não significa que elas sejam construídas do nada. Pelo contrário, como qualquer construtor, a criança se apropria, para seu próprio uso, de materiais que ela encontra e, mais significativamente, de modelos e metáforas sugeridos pela cultura

que a rodeia (Papert, 1986).

Grande parte das nossas crianças ainda são submetidas às "transmissões de conhecimento", por meio de exposições didáticas repetitivas, causando uma grande desconexão entre a escola e suas reais necessidades. Sabemos que existem inúmeros fatores que podem impedir uma educação de qualidade, porém temos que considerar que não existe a possibilidade de abrimos a cabeça do aluno e enchermos de conhecimento, para que ao final do bimestre possamos medir a quantidade de conteúdos aprendidos.



O desenvolvimento de competências por meio da Robótica Educacional deve considerar todas as áreas do conhecimento, sendo que por meio de um ambiente motivador e diferenciado, alunos, em equipe, possam discutir diferentes formas de reso-



artigo

lução de um problema.

Lembro-me de presenciar um fato muito interessante em uma visita à instituição escolar, em que ficou claro o significado da aula para o aluno. A professora abordou em sala de aula a competência "Prontidão para ouvir" e durante uma discussão dos pais em seu automóvel, seu filho os interrompeu e questionou o pai sobre a competência aprendida na escola, causando certo espanto e conseqüentemente um questionamento ao professor.

Este é um exemplo muito simples de como podemos caminhar em consonância às necessidades e demandas da escola, respeitando as diretrizes nacionais de educação. Queremos que nossas crianças tornem-se cidadãos críticos e estejam aptas ao mercado de trabalho, porém com métodos tradicionais de ensino estamos deixando de descobrir os tesouros dentro de cada aluno, ou até postergando uma oportunidade de educar e saber lidar com situações adversas.

Inúmeras são as competências e habilidades trabalhadas na Robótica Educacional, dentre elas destaco:

- Saber identificar possibilidades, direitos, limites e necessidades;
- Saber criar e gerenciar projetos em equipe;
- Saber cooperar, agir em sinergia e partilhar liderança;
- Saber gerenciar e superar conflitos.



O papel do professor é fundamental para o sucesso da robótica educacional, o mesmo assume a função de mediador durante as aulas, isto é, o responsável por conduzir os alunos nos processos de ensino e de aprendizagem.

A mediação, de acordo com Reuven Feurstein, é um diálogo entre uma pessoa com funções cognitivas deficientes ou insuficientemente desenvolvidas, e outra pessoa com muita experiência e intenção de modificar ou aperfeiçoar essas funções. Vale ressaltar que motivação, confiança e respeito são pontos importantes para um melhor desenvolvimento deste processo.

Por fim, gostaria de destacar que ao analisarmos os currículos dos EUA e Europa, notamos a presença da Tecnologia na Educação em duas grandes áreas:

Uma delas, tem a ver, exclusivamente, com a área computacional, ou seja, utilização de ambientes virtuais de aprendi-



“ O desenvolvimento de competências por meio da Robótica Educacional deve considerar todas as áreas do conhecimento, sendo que por meio de um ambiente motivador e diferenciado, alunos, em equipe, possam discutir diferentes formas de resolução de um problema. ”



artigo

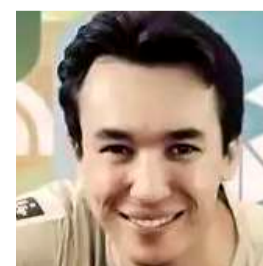
zagem (como a internet) e o uso de ferramentas para apoiar o trabalho escolar. Essas são vistas como ferramentas tecnológicas, utilizadas para facilitar o ensino.

A outra grande área é aquela que está ligada ao próprio desenvolvimento tecnológico e envolve o processo de criação, levando o aluno à construção do conhecimento por meio de uma atitude ativa, utilizando recursos físicos para projetar e construir modelos no mundo real e possibilitando que o professor integre seus conteúdos por meio do fazer.

O trabalho com Educação Tecnológica capacita os professores, viabilizando um novo agir no ensino e tornando o processo educativo mais atraente. Esse trabalho não tem fim em si mesmo; não se trata do professor ensinar tecnologia.

Os resultados certamente aparecem ao decorrer das atividades, não só em relação aos conteúdos, mas também na área pessoal e social, por meio das competências e qualidades pessoais.

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”
Cora Coralina.



RENATO RAMOS
Gerente Educacional da empresa ZOOM em Bauru, Marília e Região

experiência



Biblioteca de Classe

A ação docente, as práticas literárias e suas relações com as dificuldades na alfabetização, leitura e escrita

Todo jardim começa com uma história de amor, antes que qualquer árvore seja plantada ou um lago construído é preciso que eles tenham nascido dentro da alma. Quem não planta jardim por dentro, não planta jardins por fora e nem passeia por eles.

Rubem Alves



A discussão do assunto **A ação docente, as práticas literárias e suas relações com as dificuldades na alfabetização, leitura e escrita**, surge da necessidade de entender melhor esta temática, pois constantemente em sala de aula, nós, professores alfabetizadores, nos questionamos e o fazemos com o nosso aluno que não aprende a ler e a escrever da forma que se espera nessa fase de seu desenvolvimento.

A prática docente e a criança na fase de alfabetização

A prática docente é muito anterior ao pensamento pedagógico. O pen-

samento pedagógico surge para propor uma sistematização e organização da educação determinando objetiva e certa formalização do ensino. O resultado dessa proposta sistematizadora que temos hoje nasce com a hierarquização e as desigualdades econômicas geradas pelos responsáveis primeiros, que desde então, vêm prolongando a história das desigualdades econômicas e educacionais, estes precursores cravaram doutrinas reprodutoras de dominação e submissão (GADOTTI, 2003). O conceito de educação e de prática educativa, atividade educacional é um conceito multifacetado, não podendo ser investigado à luz de apenas uma perspectiva e muito menos reduzido somente ao âmbito escolar, no sentido etimológico, educar seria fazer com que o escolar se modifique, uma passagem de um estado a outro. Sem perder de vista o campo das dominações sociais, o termo educação remete a outros dois termos que seriam: criação e tratamento, cuidados que se aplicam com o objetivo de adaptar o educando e seu comportamento às necessidades e expectativas de um dado meio social (LIBANEO, 2000). "Uma mediação na ruptura das práticas reprodutivas pela intervenção da práxis humana, que pode criar, recriar, transformar a realidade social". (LIBANEO, 2000, p.73).

A educação-processo corresponde à ação edu-



experiência

“ Em seu desenvolvimento a criança construirá estruturas, que são formas de compreensão da realidade cada vez mais potentes e mais bem elaboradas. ”

adora, às condições e modos pelos quais os sujeitos incorporam meios de se educar, entendendo que toda a educação implica relações entre seres humanos, ações intencionais que visam promover aprendizagens (LIBANEO, 2000). Pensando a educação como uma ação, como um processo, nos leva a ampliação do conceito, da concepção de ensino e do significado da educação na sociedade. Foram diversas as alterações, transformações sociais e educacionais, tudo isso vem afetando os educadores e, conseqüentemente, os escolares. A psicologia genética de Piaget surgiu para explicar que o sujeito passa por estágios de desenvolvimento e de conhecimento. Segundo a psicologia genética, a inteligência humana representa uma forma de adaptação biológica, pela inteligência o organismo alcança equilíbrio nas relações com o meio, ocorrendo a adaptação de seu organismo e produzindo conhecimentos nas relações com os objetos. O conhecimento é fruto de um autêntico processo de construção, que é elaborado no decorrer de seu desenvolvimento. (SALVADOR, 1999)

Esta elaboração de conhecimento se dá na força da interação entre sujeito e objeto. Desse ponto de vista o conhecimento não é apenas cópia, pode ser cópia e construção. Construir implica atuar de maneira ativa e transformadora, física ou mentalmente. Para Piaget, a criança é ativa no processo de construção do conhecimento, a interação com objetos determinam seu desenvolvimento intelectual e permite modificar e exercitar esquemas anteriores. Em seu desenvolvimento a criança construirá estruturas, que são formas de compreensão da realidade cada vez mais potentes e mais bem elaboradas. O processo cognitivo para Piaget passa por vários estágios e se diferencia por diversas estruturas. A relação entre desenvolvimento e aprendizagem, depende do processo de desenvolvimento que é universal, endógeno e individual. (SALVADOR, 1999). Efetivamente o marco teórico de Piaget vem trazer valiosas contribuições às práticas educativas, principalmente quando diz da importância da atividade dos alunos no processo educativo. A

psicologia genética entende desenvolvimento e aprendizagem como resultados da interação entre indivíduo e objeto. A questão básica consiste em entender como os professores exercem influência ao oferecer objetos e atuar como mediadores, compreendendo a criança como ativa no processo de construção do conhecimento. Os objetos seriam a diversidade de materiais concretos, ambientes variados, uma verdadeira riqueza de estímulos externos. Partindo das experiências oferecidas pelo professor, levando a criança a levantar hipótese, proporcionando conflitos cognitivos. (SALVADOR, 1999).

O professor e as novas formas de aprender e ensinar

Ser professor nos dias de hoje não é o mesmo que sê-lo antes das novas propostas. O professor hoje se vê confuso, perdido, principalmente quando se pergunta a ele qual é o seu método de trabalho. Foram criadas tantas teorias e métodos de trabalho que o professor ficou à mercê deles, dos alunos e do meio social, afinal, vivemos em sociedade. O professor ficou órfão. Órfão das cartilhas, na verdade quem esteve mais perdido nesta transição não foi o escolar, foi o professor.



“Apesar de todas as interferências recentes no processo de alfabetização, a prática escolar mais comum em nossas escolas ainda se apoia na cartilha tradicional (a cada ano com nova roupa e maquiagem). Quando o professor diz que não adota a cartilha, continua usando o método da cartilha, fazendo ele próprio o que vinha nos livros didáticos. Contudo, há cada vez



experiência

mais um número crescente de professores que estão conduzindo um processo de alfabetização diferente do método das cartilhas, procurando equilibrar o processo de ensino como o de aprendizagem, apostando na capacidade de todos os alunos para aprender a ler e a escrever no primeiro ano escolar e desejando que essa habilidade se desenvolva nos anos seguinte.” (CAGLIARI, 2009, p.32-33)

Nada substitui o professor, é preciso investir mais na formação, principalmente na do professor alfabetizador, se isso não acontecer a alfabetização e o processo escolar, como um todo, continuarão seriamente comprometidos. Enquanto a escola e alfabetização escolar ficaram presas à autoridade de mestres, métodos e livros, onde todo o processo educativo já vinha preparado, constatou-se que muitos alunos não respondiam às expectativas dos mestres e eram considerados incapazes. A razão principal seria que, as crianças, nos primeiros anos, resistem mais, porque ainda não aprenderam a se submeter a tudo que ouvem e a tudo que veem. O egocentrismo ainda é nesta fase da vida uma marca forte da personalidade (CAGLIARI, 2009). A escola tradicional pretendia preparar a criança para as leis do mundo externo e para a vida social, para isso, utilizava de autoridade. Porém, se queremos pensar num modelo educacional que objetiva formar seres autônomos, a via do autoritarismo deve ser abolida. Piaget volta-se para os princípios de liberdade e autonomia, afirmando que é necessário e importante um debate sério entre teoria e prática pedagógica. Nas relações entre professor e aluno, Piaget propõe o método “self-government”, que seria a fonte de autonomia e intercâmbio real. Enquanto os métodos de coerção são unilaterais e exteriores ao aluno, querendo uma obediência passiva, o método “self-government” quer que a criança seja tratada como ser autônomo (Piaget, 1998).

Aprender é um ato individual, cada criança aprende segundo suas cognições, seu intelecto. O que é importante para quem ensina, pode não ser importante para quem aprende. Na aprendizagem, o importante é o que faz sentido ao aprendiz, e isto depende do contexto da atividade desenvolvida, de certo campo semântico, uma rede de significados e sentidos, e é exatamente isso que propõe o construtivismo. JOLIBERT (1994) aponta que é preciso que a criança como leitora e como produtora de textos entenda que existe uma grande variedade de possibilidades tipográficas, de gêneros de papéis, de dimen-

sões de escritos, e que o mundo da escrita não se limita nem à folha ofício, nem às atividades propostas pelo professor em sala de aula e nem ao material didático. É preciso que a criança descubra durante sua escolaridade que existe um mundo da escrita, um mundo social, cultural, econômico, industrial da escrita e das produções, e, através deles, espera-se que as crianças sejam capazes de representar a si mesmas como leitoras e produtoras de texto.

Construtivismo: reflexões sobre o ensinar e o aprender

No ano de 1962, começam a surgir mudanças importantes a respeito da maneira de compreender os processos de aquisição da língua oral na criança. Acontece uma verdadeira revolução. Até esta época, a maior parte dos estudos sobre a linguagem infantil ocupava-se, predominantemente, do léxico, da quantidade e da variedade de palavras utilizadas pela criança. As palavras eram classificadas e associadas segundo categorias de linguagem. Este modelo tradicional associacionista considera a aquisição de linguagem algo simples, apostando em uma tendência à imitação da criança (FERREIRO, 1999). A teoria de Piaget nos permite introduzir a escrita enquanto objeto de conhecimento, e o sujeito aprendiz, enquanto sujeito cognoscente. Esta concepção de aprendizagem, entendida como processo de obtenção de conhecimentos, supõe que existam processos de aprendizagem do sujeito que não dependem dos métodos. O método seria uma ação para ajudar, facilitar ou até dificultar, porém, este método não cria a aprendizagem. A obtenção de conhecimento é um resultado da própria atividade cognoscente do sujeito. Para Piaget, o conhecimento objetivo aparece

“**Na aprendizagem o importante é o que faz sentido ao aprendiz, e isto depende do contexto da atividade desenvolvida, de certo campo semântico, uma rede de significados e sentidos, e é exatamente isso que propõe o construtivismo.**”



experiência

como uma aquisição e não como um dado inicial e linear, pois a compreensão de um objeto de conhecimento aparece estreitamente ligada à possibilidade de o sujeito, ativo no processo, reconstruir este objeto. Sendo assim, a teoria piagetiana não teme o erro, este é tido como construtivo e essencial (FERREIRO 1999).

A psicogênese da Língua Escrita é uma abordagem psicológica que trata de como a criança se apropria da língua escrita. O aprendizado nesta perspectiva vai além de codificar e decodificar, além de correlações entre grafema e fonema. Nesta visão, alfabetizar é construir conhecimento, é um processo de construção conceitual, contínuo, que se inicia antes mesmo da criança chegar à escola. A alfabetização na perspectiva construtivista é permitir que as crianças elaborem seus conhecimentos sobre a leitura e a escrita, passando por diferentes hipóteses, até se apropriarem de toda a complexidade da língua escrita. Essas hipóteses são construídas através de conhecimentos prévios, assimilações e generalizações, que dependem das interações delas com seus pares, e com os materiais ofertados. Ao tomar contato com estes mecanismos, a criança reinventa sistemas e constrói, a sua maneira, formas e regras de produção e de codificação da escrita (FERREIRO, 1999). "Um educador, que se preocupe com que a sua prática educacional esteja voltada para a transformação, não poderá agir inconsciente e irrefletidamente" (LUCKESI, 2011, P.93)

Alfabetização, leitura e escrita

É essencial que as crianças compreendam, descubram, durante sua vida escolar, que existe o mundo da escrita, seja esse ou aquele, existem variedades tipográficas de textos, livros, gibis, receitas, jornais infantis e revistas. Atualmente, possuímos vários suportes, certamente nem sempre acessíveis às crianças, mas as várias formas textuais precisam efetivamente acontecer. Certamente, possibilitando esse encontro com o mundo letrado, as crianças poderão construir seu espaço no mundo da leitura e da escrita, não tão somente como leitoras, mas também como produtoras de textos (JOLIBERT, 1994). Ainda nesta perspectiva, Jolibert (1994), nos diz que a criança precisa passar pela experiência e pela compreensão das diferentes funções da escrita, neste caso se refere à utilidade da escrita, entretanto ressalta, sobre a relação de poder que se obtém quando alcança e utiliza o poder de um domínio eficiente da

“É essencial que as crianças compreendam, descubram, durante sua vida escolar, que existe o mundo da escrita, seja esse ou aquele, existem variedades tipográficas de textos, livros, gibis, receitas, jornais infantis, revistas”

leitura e da escrita. Mais significativa ainda quando esta leitura e escrita nos proporcionam prazer. O prazer de construir um texto, o prazer de fazer rir ou chorar, enfim, que este momento de aprendizagem de leitura e escrita seja prazeroso e não temeroso, que ler e escrever não sejam sinônimos de atividades enfadonhas. Aspectos pedagógicos contribuem, muitas vezes, para o aparecimento de uma "formação reativa" aos objetos da aprendizagem escolar, tal quadro confunde-se, às vezes, com as dificuldades de aprendizagem originadas na história pessoal e familiar do aluno. Nesse sentido, estão ligadas questões de metodologia de ensino, métodos de avaliação, dosagem de informações pertinentes à cada faixa etária, estruturação de turmas, organização geral escolar. Esta última interfere claramente nos processos de ensino e de aprendizagem (WEISS, 2002).

Elaboração do Projeto Biblioteca de Classe

O processo de aprendizado começa com a percepção da existência de coisas que servem para ser lidas e de sinais gráficos. Para Magda Soares, do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Ceale/UFMG), esse aprendizado chama-se aprendizado: "É o convívio da criança desde muito pequena com a literatura, o livro, a revista, com as práticas de leitura e de escrita". Não basta ter acesso aos materiais, as crianças devem ser envolvidas em práticas para aprender a usá-los, roda de leitura, contação de histórias, leitura de livros, sistema de malas de leitura, de casinhas, de cantinhos, mostras literárias, brincadeiras com livros. Edmir afirma que "a criança pode não saber



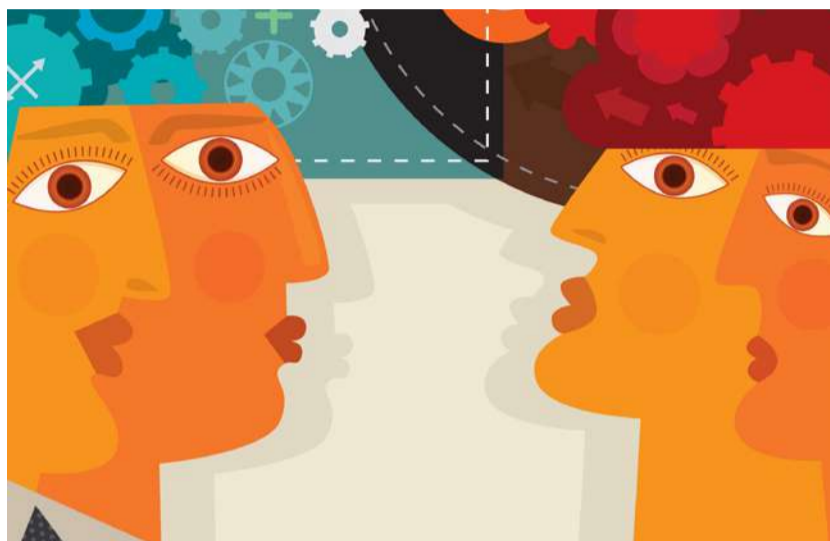
experiência

ainda ler e escrever, mas ela já produz texto: ela pensa, fala se expressa” (BECKER, 2005). Quanto mais precocemente forem introduzidos os livros, as histórias orais e escritas entrarem na vida da criança, maiores as chances de ela gostar de ler. A criança lê do seu jeito muito antes da alfabetização, folheando e olhando figuras, ainda que não decodifique palavras e frases escritas. Ela aprende observando o gesto de leitura dos outros – professores, pais ou outras crianças.

Segundo o Ministério da Educação (MEC) e outros órgãos ligados à Educação, a leitura **desenvolve o repertório**: ler é um ato valioso para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional e humano. É uma forma de ter acesso às informações e, com elas, buscar melhorias para você e para o mundo, enfim para o ambiente em que o cerca. **Liga o senso crítico na tomada**: livros nos ajudam a entender o mundo e também a nós mesmos. **Amplia o nosso conhecimento geral**: além de ser envolvente, a leitura expande nossas referências e nossa capacidade de comunicação. **Aumenta o vocabulário**: graças aos livros, descobrimos novas palavras e novos usos para as que já conhecemos. **Estimula a criatividade**: ler é fundamental para soltar a imaginação. Por meio dos livros, criamos lugares, personagens, histórias...ultrapassamos fronteiras... **Emociona e causa impacto**: quem já se sentiu triste (ou feliz) ao fim de um romance sabe o poder que um bom livro tem. **Muda sua vida**: quem lê desde cedo está muito mais preparado para os estudos, para o trabalho e para a vida. **Facilita a escrita**: ler é um hábito que se reflete no domínio da escrita. Ou seja, quem lê mais, escreve melhor.

Avaliando estes oito itens e percebendo que nosso ambiente escolar, ou seja, nossa sala de aula, pode incentivar ainda mais o prazer pela leitura. Sendo a biblioteca de sala o espaço privilegiado no qual as crianças poderão conviver com livros e leitores, a escolha do acervo é um passo importantíssimo. No contexto do Colégio Cristo Rei, esse acervo é parte de um conjunto maior: o dos livros da biblioteca escolar. Também é importante que a equipe de professores da escola explore coletivamente esse acervo e troque ideias sobre boas escolhas de livros tendo em vista o que conhece sobre as preferências leitoras da faixa etária com a qual trabalha, considerando as especificidades de cada ano...

Não basta o acesso aos livros. O essencial é conviver com leitores e poder compartilhar de suas práticas. LERNER (2006) nos coloca que “realmente, para comunicar às crianças os com-



portamentos que são típicos do leitor, é necessário que o professor os encarne em sala de aula, que proporcione a oportunidade a seus alunos de participarem em atos de leitura que ele mesmo está realizando, que trave com eles uma relação de leitor para leitor”. Assim, por meio da mediação do professor, a criança atribui significado às diferentes práticas de leitura, desenvolve gostos e preferências quanto a autores e gêneros, cria laços afetivos com livros e histórias e vai começando a ver a si mesma como uma leitora. E o professor é aquele que, ao compartilhar motivos, estratégias e interesses, abre para as crianças as portas do mundo maravilhoso da literatura e da poesia e mostra como ler e escrever são instrumentos importantíssimos para interagir em sociedades como a nossa. Ele faz isso quando compartilha com as crianças, lendo para elas uma notícia que o espantou ou lhe despertou a curiosidade; quando procura junto com as crianças, em livros ou enciclopédias, respostas para temas que interessam sua turma; quando lê um poema que o emocionou; quando apresenta um livro de um autor que considera especial e divide a leitura dele com seus alunos.

Esse papel do professor como um leitor experiente que compartilha sua prática com as crianças é tão essencial quanto menores elas sejam, mas nunca deixa de ser importante. Mesmo quando os alunos já sabem ler, o professor é aquele que apresenta novos gêneros, livros mais extensos, novos autores, pois esses momentos de leitura compartilhados com o professor são um dos grandes trunfos que temos à mão para evitar que o fascínio que os pequenos tinham pela leitura e seu desejo de ler não desapareçam ao longo da escolarização, como, infelizmente, muitas vezes vemos acontecer. Temos na



experiência

Apostila Anglo vários textos de leitura fruição no material de apoio do professor que podem e devem exercer essa função. Assim, é fundamental se preparar para exercer esse papel, lendo previamente os livros e os textos de leitura de fruição de nosso material apostilado, cuja leitura irá compartilhar com as crianças, pensando em que comentários e relações eles podem compartilhar, planejando como irá apresentar o livro e/ou a história lida, que boas questões podem animar uma conversa coletiva sobre a leitura.

CONCLUSÃO

As dificuldades na alfabetização não são novidades, também não é incomum a busca pelos responsáveis, uns apontam para o método, outros para a escola, a reorganização do espaço escolar, os ciclos de alfabetização, a questão da progressão continuada, o foco fica no professor, e assim passam-se anos e o problema resiste. O fato é que o problema tem sido considerado de método. Sendo assim, travam-se discussões acerca dos métodos tradicionais, com os métodos cognitivos, o tão conhecido construtivismo. O que defendo particularmente e corroborando com Soares (2004), é que o antagonismo gera radicalismo. Portanto, não encontro problema em propiciar uma prática pedagógica que se utiliza do sistema fonológico e o sistema alfabético com autonomia em relação ao desenvolvimento de práticas de leitura e escrita. É preciso e é importante reconhecer a possibilidade e a necessidade de promover a conciliação entre a dimensão fonética e a dimensão cognitiva construtiva que interajam objetivando o processo de aprendizado. Aprender a ler sim, mais que decodificar, compreender a procedência de um em relação ao outro. Entretanto, é necessário que o professor esteja comprometido com o processo de aprendizagem, precisa ser claro, permitir com as práticas educacionais que os escolares se desenvolvam, revisitem esquemas anteriores, os modifiquem tornando-os cada vez mais complexos e adaptados à realidade, mais ricos em relações e intenções no âmbito da sala de aula. (ZABALA, 2004). Como conquistar e propiciar isso aos educandos? Parece sugestivo, como já mencionei anteriormente, investir em formação continuada, pois, somente dessa forma, o profissional da educação terá condições de proporcionar momentos de aprendizagem que assegurem o reconhecimento da especificidade da alfabetização num contexto de letramento, ou seja, o consequente desenvolvimento da leitura e



escrita nas práticas sociais que envolvem a língua. Reconhecer que a alfabetização possui diferentes facetas, múltiplas possibilidades e motivações é um dos pontos fundamentais. Outro ponto forte e essencialmente importante seria o de capacitar professores para que os mesmos sejam capazes de enfrentar as dificuldades e o grave fracasso na alfabetização que hoje é fato recorrente em nossa sociedade (Soares, 2004).

O projeto, aqui mencionado, tem o caráter fundamentalmente dinâmico, propõe e articula práticas de leitura e de escrita, permitindo que o escolar tenha acesso a vários tipos de textos. A perspectiva adotada poderá sofrer questionamentos diversos, mas trata-se de assumir riscos, avaliar possibilidades, e ainda, melhorar ideias. Compreender conflitos cognitivos perpassa o âmbito de propor ações. Em alguns anos de ações alfabetizadoras, tenho condições de assegurar que em minha trajetória profissional já me equivoquei, já obtive êxitos, mas com aqueles com quem compartilhei angústias a respeito da alfabetização, percebemos que as mesmas são intermináveis, são questões pertinentes, carecem de atenção. E no momento é esta a resposta que me asseguro, venho propor ações e práticas alfabetizadoras carregadas de sentido, visto a complexidade das variáveis e dos modelos educacionais que dispomos.



experiência

Referências bibliográficas

BECKER, Rosana. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf/revcrian40.pdf>. – O prazer da leitura se ensina. > Acesso em jan. 2015

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e Língua.** São Paulo: Scipione, 2009.

_____. **Alfabetizando sem o BÀ-BÉ-BI- BÓ- BU.** 2ª Edição – São Paulo: Scipione, 2009.

CASTANHO, **Ana Flávia Alonço. DUTRA, Érica de Faria.** Disponível em: <<http://www.gentequeeduca.org.br/planos-de-aula/biblioteca-de-sala-como-organizar-o-espaco-de-leitura> > .Acesso em jan. 2015.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas.** - 8ª Edição – São Paulo: Ática, 2003.

JOLIBERT, Josette e colaboradores. **Formando Crianças Produtoras de Textos.** Porto Alegre: Artmed, 1994.

LERNER, Delia. <http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/pratica-pedagogica/preciso-dar-sentido-leitura-423530.shtml> Set. 2006. > acesso Jan. 2015.

LIBANEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** - 3ª Edição – São Paulo: Cortez, 2000.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da Aprendizagem Escolar – Estudos e Proposições.** 22ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

MARICATO, Adriana. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/eduinf/revcrian40.pdf>. – O prazer da leitura se ensina. > Acesso em jan. 2015.

PIAGET, Jean. **Sobre a Pedagogia.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

RUBINSTEIN, Edith. **EM BUSCA DOS RESPONSÁVEIS,** in Revista Psique, Ciência & Vida Especial. PSICOPEDAGOGIA para quê? Ano I - Número 2.

SALVADOR, César Coll. **Psicologia da educação.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas.** UFMG. Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Revista Brasileira de Educação, Jan/ Fev/ Mar/ Abr. 2004. Nº25

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

WEISS, Maria Lúcia L. **Psicopedagogia Clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ZABALA, **Antoni. A prática Educativa: Como Ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZORZI, Jaime Luiz; CAPELLINI, Simone Aparecida / Organizadores. **Dislexia e outros distúrbios de leitura-escrita: Letras desafiando a Aprendizagem.** Segunda edição.



GRAZIELLA DINIZ BORGES
Professora do Colégio Cristo Rei, Psicóloga e Mestranda em Educação da Unesp - Marília - SP

opinião



O Educador na Educação Infantil

Vivendo e aprendendo...



O principal papel da educação é capacitar o indivíduo a construir o próprio desenvolvimento, levando-o a compreender melhor a si mesmo e aos outros, ou seja, desenvolver a forma de participar da vida em sociedade, sendo sujeito da mesma. Para que isso aconteça, é preciso desenvolver o sentido da observação, despertar a curiosidade intelectual e a capacitação na busca de informações relevantes no seu cotidiano, onde quer que elas estejam, transformando-as em conhecimento. Isso vale para todos os níveis da educação básica, inclusive na educação infantil.

Nesta reflexão, gostaríamos de abordar questões importantes do aprender e do viver da criança na educação infantil, salientando práticas e posturas importantes que o educador deve ter no fazer pedagógico e na busca da integralidade da formação do educando.

Este período da vida, segundo Piaget, é um dos mais importantes do desenvolvimento humano, é chamado de pré-operatório, que vai dos 2 a 7 anos. Nele ocorrem inovações e desenvolvimentos importantes, na qual a criança torna-se capaz de manipular símbolos, imagens e conceitos, construindo padrões de aprendizagem que utilizará durante toda sua

vida acadêmica. Lembrando que a articulação entre os diferentes níveis de desenvolvimento da criança (motor, afetivo, cognitivo) não se dá de forma isolada, mas sim de forma simultânea e integrada.

Neste sentido Oliveira ressalta que, tanto para pais como para educadores, deve-se:

pontuar as qualidades das crianças, elogiando-as, incentivando-as, quando necessário, mas também pontuar as habilidades que precisam ser melhoradas, os problemas que têm que ser trabalhados. Com essas atitudes, auxilia-as a crescer. Compreensão não significa dizer sim a tudo o que pedem, mas é também dizer não quando precisar, é orientar, é questionar, é respeitar. (2014, p.24)

Para adquirir algumas dessas habilidades, a criança necessita de instrução reflexiva, ou seja, uma aprendizagem mediada (momento em que o adulto faz com que ela reflita sobre seu próprio pensamento). Acontece, estimulando todos os sentidos para a exploração do ambiente, desafiando e provocando com novas ideias, valorizando sua criatividade na reconstrução da realidade, brincando e aprendendo através da experiência.

As pequenas pesquisas são atividades importantes para estimular o entusiasmo, a curiosidade, o pensar e, assim, o aprender na educação infantil. Como exemplo, podemos solicitar à criança que, pesquise, recorte e cole (de tarefa ou em sala de aula) o que elas mais gostam de fazer quando estão em casa ou na escola. Lembrando que é de extrema importância registrar e organizar com elas essas atividades.



opinião

Também é importante frisar que a criança precisa brincar, se movimentar e interagir com outras crianças. Por isso deve-se oferecer atividades que favoreçam o desenvolvimento de aspectos psicomotores, afetivos e de socialização. Precisamos lembrar sempre, que é brincando que a criança se comunica consigo (as questões internas dela) e com o ambiente externo.

As tecnologias também podem ser utilizadas para ampliar essa formação do aprender das crianças. Elas são ferramentas indispensáveis nos dias de hoje e as crianças possuem facilidade no seu manuseio. Trabalhar com a turma pesquisando na internet sobre os assuntos que estão sendo aplicados na aula pode ser bem proveitoso, pois elas irão ficar bem curiosas para descobrir no computador as informações que estão aprendendo. Por exemplo: pesquise com elas as diferentes flores, formigas, pedras, folhas, plantas e borboletas que existem no jardim da escola ou parques da cidade e, em seguida, propicie o comparatilhamento das imagens entre elas.

Preparar pequenos relatos orais com as crianças, sons da natureza, barulhos do cotidiano, gravar e explorar na roda da conversa auxiliam no desenvolvimento da fala e da observação entre elas, fazendo com que elas aprendam em atividade criadora, de construção coletiva.

Por isso, para que as turmas se desenvolvam plenamente, é preciso conhecer as características de cada faixa etária e garantir que algumas experiências essenciais façam parte do planejamento e dos projetos desenvolvidos ao longo do ano letivo. Por tanto, é necessário que o planejamento da Educação Infantil seja baseado em uma proposta pedagógica consistente da escola.

Algumas crianças vão precisar de mais estímulos para ati-

“ para que as turmas se desenvolvam plenamente, é preciso conhecer as características de cada faixa etária e garantir que algumas experiências essenciais façam parte do planejamento e dos projetos desenvolvidos ao longo do ano letivo. ”

vidades físicas, outras para desenvolver o raciocínio lógico, outras no desenvolvimento da linguagem, outras no controle do emocional, etc. Algumas podem ser mais afetivas, outras mais independentes... Essas diferenças é que enriquecem e são desafios para nós, educadores, no dia a dia, pois precisamos sempre respeitar as individualidades, processos de maturação e desenvolvimento de cada criança e do grupo. Um dos principais desses desafios é conseguir promover o desenvolvimento cognitivo e emocional a partir dessas diferenças, pois o cérebro está em constante aprendizagem, se modificando o tempo todo, o que nos faz entender a grande importância do estímulo e de motivar a criança a querer aprender.

Devemos lembrar que quando trabalhamos com crianças, nem tudo é simples, pois a todo momento surgem fatos inesperados e nem sempre o profissional está preparado para resolver tudo que acontece. Sabemos que a formação nem sempre consegue dar todas as ferramentas necessárias para um fazer pedagógico com qualidade. Por isso, o educador deve ter humildade na contínua busca de aprendizagem e consciência de sempre melhorar as suas estratégias de ensino.

Hoje, podemos citar que quatro experiências propostas diariamente são de muita importância para que as turmas da educação infantil se desenvolvam – o brincar, a linguagem oral, o movimento e a arte. Além disso, o trabalho com a identidade e autonomia são fundamentais nas séries iniciais.

Este trabalho docente não pode se resumir à sala de aula. Quando as crianças estão no ambiente externo, como o parque, elas continuam conhecendo, se conhecendo, testando limites, fazendo novas descobertas, etc. Neste momento, o apoio do professor, estando próximo das crianças, é importante, pois todo momento é uma possibilidade para que faça a mediação e ajude a proporcionar oportunidades de aprendizagens e de amadurecimentos socioafetivos na convivência entre e com as crianças.

O professor precisa conhecer as possíveis diversidades e individualidades que existem dentro da turma. Temos que ter os cuidados coletivos, mas, ao mesmo tempo, devemos estar atentos às necessidades de cada criança. O ritmo e o processo de aprendizagem podem ser diferentes para cada criança, por isso a importância de estar atentos aos diferentes momentos e habilidades de cada um, na busca de uma aprendizagem significativa para todos.

Cavasin (2008, p.61), afirma que a ação pedagógica do



opinião

professor deve levar em conta que:

a rotina estruturante diferencia-se da mecânica por ser planejada, por pertencer à proposta pedagógica da instituição, por respeitar a criança e seus ritmos. Ela também dá mais liberdade ao professor para lidar com o inesperado, sem cair no espontaneísmo pedagógico; há uma intencionalidade na ação, tornando-se o professor um mediador de situações significativas que auxiliam no desenvolvimento das crianças.

É importante ressaltar que a criança aprende pelo exemplo, após o experimento, com isso, é fundamental que o professor preste atenção nas suas atitudes e comportamentos durante a sua missão educativa. Além do mais deve ter um controle emocional para o bem estar da vida das crianças.

Em outro sentido é necessário que lembremos de Goleman (1996) que enfatiza que a inteligência emocional irá determinar o potencial do indivíduo para aprender as habilidades, práticas baseadas nos seguintes aspectos: autoconhecimento, automotivação, controle emocional e empatia. O que nos explica a importância de estimular e trabalhar as emoções das crianças para o desenvolvimento mais saudável e proativo. Sabendo assim, que é fundamental trabalhar e capacitar as crianças para a competência emocional.

Criar um ambiente propício à tomada de decisões ao aliar-mos a aprendizagem e o cuidado também é um aspecto importante para o viver das crianças na Educação Infantil. O educando deve ser capaz de tomar decisões por conta própria na construção da autonomia, levando em consideração algumas regras, valores e perspectivas do outro, e isso é essencial no desenvolvimento da personalidade e precisa ser um dos focos do trabalho docente desde os primeiros anos.

Na infância, o ato de educar não se separa dos cuidados e o estímulo à autonomia deve permear a rotina. Para isso o docente precisa criar condições de desenvolver essa autonomia, planejando as atividades e interagindo com a turma, estimulando-os a compartilharem os saberes. A turma deve se sentir em um ambiente acolhedor, no qual, possam ter a liberdade de se expressar.

Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) "conceber uma Educação em direção a autono-

mia significa considerar as crianças como seres com vontades próprias, capazes e competentes para construir conhecimentos e, dentro de suas possibilidades, interferir no meio em que vivem".

Em suma, é importante ressaltar que não há receita pronta para se trabalhar em nenhum nível educacional, mas a troca de experiências tem garantido excelentes resultados aos profissionais, pois um bom docente aprende junto com seus alunos, antes mesmo de se propor a educá-los. Além de aprender na partilha e na união com seus colegas.

Penso que aprender e ensinar é, antes de qualquer coisa, uma relação humana e divina de duas vias. E como tal, merece toda a nossa atenção. Enquanto ensinamos, temos realmente a oportunidade de aprender com os educandos.

Quando houver trocas, sem a preocupação com os títulos ou notas, mas com buscas incansáveis do novo, sem medo do desconhecido e com o reconhecimento humilde de que aquele que aprende, ao mesmo tempo ensina e, aquele que ensina também aprende, estimulando as duas vias numa busca de possibilidades para a transformação do conhecimento em saber.

Referências bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Referencial curricular nacional para a educação infantil. v. 1. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1998.

CAVASIN, Rosane França. A Organização das Rotinas com Crianças de 0 a 3 Anos e sua Relação com o Referencial Curricular Nacional Para Educação Infantil – RCNEI. Joaçaba, SC. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2008.

GOLEMAN, D. Inteligência emocional. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva, 1996.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. Formação da autoestima na criança. In: Educar crianças, grades desafios. Como enfrentar? Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.



GILVÂNIA RIBEIRO TARDIM
Pedagoga e secretária do
Colégio Cristo Rei

coluna



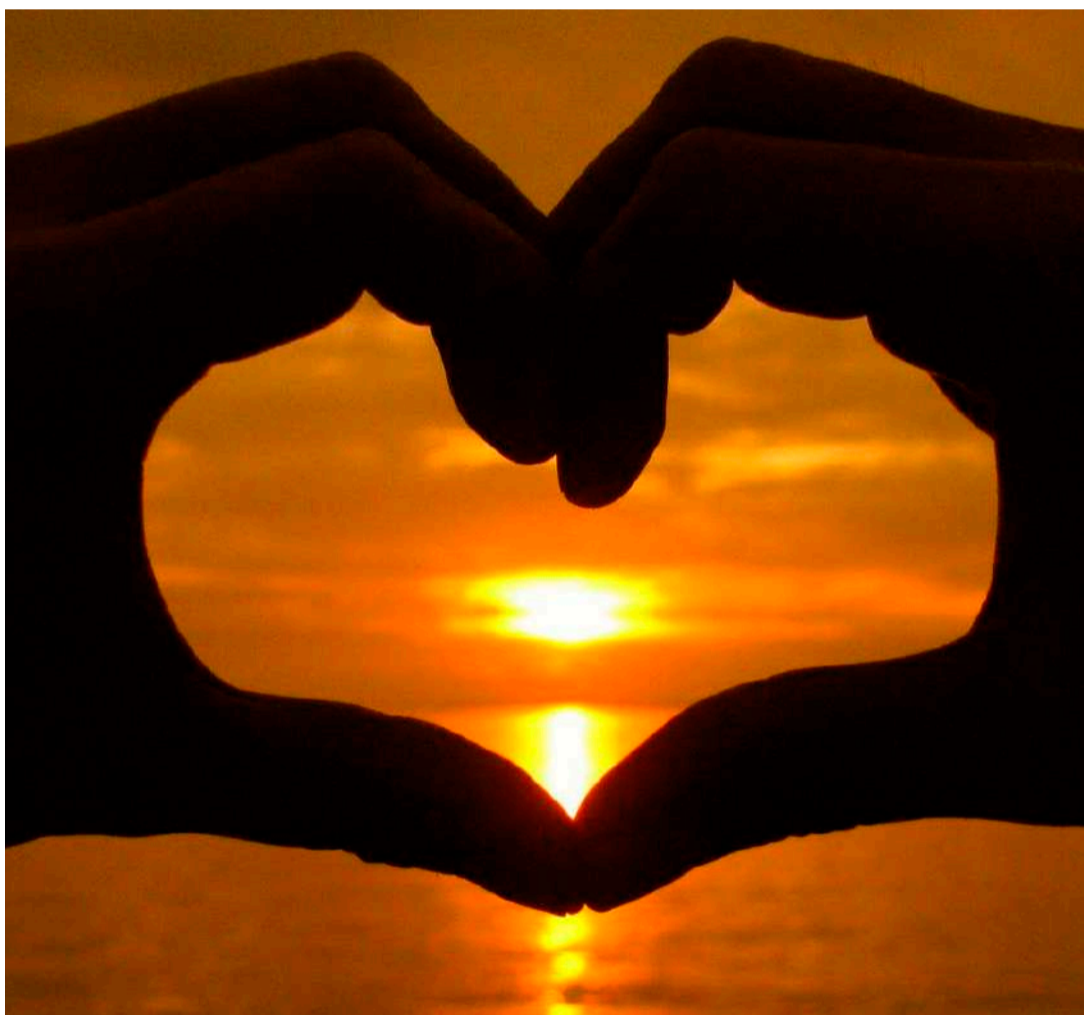
Afinal, o que é amor?

Uma reflexão sobre o amor, o mais generoso dos sentimentos e o único que inclui em seus sonhos a felicidade de outra(s) pessoa(s).

Lembro-me de um diálogo que um amigo me contou... Certo dia chegou para uma amiga e falou: "Sentimos amor um pelo outro." Surpresa, nervosa e até irritada ela lhe respondeu: "Não toque nesse assunto... amor entre nós... isso não existe!" Bem, nessa situação, podemos pensar e nos perguntar: Afinal, o que é o amor? Existem tipos de amor? O amor tem expressões e formas diferentes de se manifestar? O que cada um de nós pensa a respeito do amor? Bom, isso tudo é uma reflexão que boa parte da humanidade se questiona, seguidamente, ao longo da história.

Sabemos que em português, a palavra em latim *amor*, não mudou a grafia, mantendo-se exatamente igual. Alguns autores afirmam que a possível origem para a palavra latina amor esteja ligada a crianças ou ao cuidado com crianças. Exemplo disso é a palavra *mater*, que quer dizer "mãe". Outros estudiosos referem que na raiz do verbo indicativo de amor em latim está impressa a ideia de plantar, semear... mas a palavra amor presta-se a múltiplos significados na língua portuguesa. Pode significar afeição, compaixão, misericórdia, inclinação, atração, apetite, paixão, querer bem, satisfação, conquista, desejo, libido etc. Pode ser caracterizado como o nível ou grau de responsabilidade, utilidade e prazer com que lidamos com as coisas e pessoas conhecidas. O conceito mais popular de amor envolve, de modo geral, a formação de um vínculo emocional com alguém ou com algum objeto que seja capaz de receber este comportamento amoroso e enviar os estímulos sensoriais e psicológicos necessários para a sua manutenção e motivação.

Podemos dizer que a origem do Amor acompanha a origem da humanidade. O amor acompanha a humanidade desde



sempre. É o que os antropólogos chamam de "universal", ou seja, está presente em todas as culturas. Contudo, as formas pelas quais assumiu ao longo do tempo mudaram, e muito! Essas variações contam uma incrível história de quem somos, já que o amor continua sendo entendido como a base para as verdadeiras interações sociais e a chave das escolhas humanas.

Muitos autores colocam que existem três tipos de amor: *Amor Ágape* - que é o amor universal, o amor de Deus ou o amor à humanidade; *Amor Philos* - que é referente à amizade; e *Amor Eros* - que é o Amor entre o homem e a mulher.



coluna

“**O amor é a origem, a causa e o fim de tudo quanto existe de grande, de belo e de nobre... Cada qual sabe amar a seu modo. O modo pouco importa, desde que seja sincero e para o bem, o essencial é que saiba amar.**”

Assim sendo, Pe. Vieira, nos Sermões, elege três classificações: o Amor Causa, amo porque ele(a) me ama; Amor Finalidade, amo para que ele(a) me ame; e o Amor Fino, que não conhece nem causa e nem finalidade, ama por amar, por entregar-se totalmente ao amor. *“O amor fino não busca causa nem fruto. Se amo, porque me amam, tem o amor causa; se amo, para que me amem, tem fruto: e amor fino não há de ter porquê nem para quê. Se amo, porque me amam, é obrigação, faço o que devo: se amo, para que me amem, é negociação, busco o que desejo”.*

O amor é a origem, a causa e o fim de tudo quanto existe de grande, de belo e de nobre... Cada qual sabe amar a seu modo. O modo pouco importa, desde que seja sincero e para o bem, o essencial é que saiba amar. Muitas vezes ter uma pessoa, ter um amor dentro de si, significa muito mais do que ter uma pessoa ao seu lado. Pra vivermos o amor precisamos tê-lo dentro de nós... e o amor não precisa de barulho, estardalhaço, de fogos e pirotecnia... Até por que, como dizia uma amiga: *“As mais lindas frases de amor são ditas no silêncio de um olhar...”*

O importante é que de maneira geral, amar é captar e viver a essência do próprio Amor, ou seja, guardar dentro de si e impulsionar toda sua vida a partir do que aprendeu com a pessoa amada e com o próprio amor. Captando alguma virtude da pessoa amada, você sempre a terá dentro de si, mesmo distante. Dizem que o amor cresce em liberdade, mas só é possível haver liberdade se houver confiança.

Uma das maiores necessidades do ser humano é a de amar e ser amado. O amor é indispensável à sobrevivência pois, sem ele, perdemos nossas vitalidades emocional e física. Quando experimentamos o amor, sentimos um profundo bem-estar que nos afeta física, mental, social e espiritualmente.

Que cada um de nós seja amoroso com todos e saibamos reconhecer e agradecer o amor que recebemos. Ao longo de

toda a nossa vida, do nascimento ao último suspiro, podemos e vivemos experiências e dimensões de amor, tais como:

1 - Amor Familiar: Um irmão que corre para proteger e auxiliar outro irmão. Um avô que gasta (ganha) seu tempo com seu querido neto. Um pai ou mãe que espera e reza ansioso(a) pelo retorno do filho de madrugada... Esse é o amor maternal, paternal, de irmãos, de vô e vô... é um amor capaz de dar tudo sem receber nada em troca. Simplesmente se ama. É o primeiro tipo de amor que o ser humano se depara. É no seio familiar que começamos saber e experimentar o que é o amor... Nossos pais, irmãos, enfim, todos os familiares... é este tipo de amor, que a maioria de nós, conhece mais. Deve-se compreender que o amor é, neste sentido, um sentimento de gratidão infinito... é o amor que se faz vida! Como diz Antoine de Saint-Exupéry: *“O verdadeiro amor nunca se desgasta. Quanto mais se dá mais se tem.”*

Com certeza no Amor Familiar, a Mãe tem um lugar especial, já que ser mãe é recomeçar a cada dia sem ter sono e nem cansaço. É falar o necessário, calar, olhar e entender. Ser mãe é realizar-se com o sucesso dos filhos, é estar presente em todos os momentos, é ser insubstituível. É ser tão frágil e, ao mesmo tempo, tão resistente. É o arrepio quando chama, a paz quando abraça, a emoção quando olha. Ela é nosso cuidado, a fé, o interesse pela vida, a admiração pelas crianças, o respeito pelas pessoas, o amor por Deus. É o ontem, o hoje, o amanhã. Ela é a vontade, a inspiração, a poesia. A lição, o dever, a presença, a surpresa, a esperança... A nossa dedicação, oração e gratidão. É o amor mais puro e bonito!

2 - Amor a Deus: Deus nos criou por amor e doou a nós seu amor por toda eternidade. É a paz interior que realmente nos acalma e orienta em todos os momentos da nossa vida. É o amor ao ser superior que acreditamos. É a vivência da espiritualidade consigo, com os outros, com e de Deus.

Sabemos que por amor a Deus os cristãos padeceram no Coliseu Romano, também por amor a Deus muitas pessoas preferiram viver em monastérios; mas também por amor a Deus os cristãos do século XII realizaram as Cruzadas, as quais foram responsáveis pelo assassinato de milhares de árabes. Da mesma forma, extremistas muçulmanos, por amor a seu Deus (Alá) provocam o medo e o terror no Oriente Médio de nossos dias. Em face disso, a interpretação do amor de Deus pode se tornar exatamente o oposto do que esse amor é, trazendo assim confusão na cabeça das pessoas.



“ Desde quando começamos a nos conhecer e nos amar, buscamos a aceitação das nossas qualidades e a melhoria dos nossos defeitos. ”

O apóstolo Paulo diz que no final o que fica é a fé, a esperança e o amor, e desses três, o amor é o maior. Muitos podem perguntar: como o amor pode ser maior do que a fé? A resposta é uma questão de prioridade de criação. Deus teve que primeiro amar o homem para poder criá-lo. A fé vem depois como uma forma do homem perceber a existência de Deus. Por isso Paulo coloca que o amor é maior do que a fé. O amor foi criado primeiro, pois foi através desse amor que Deus amou o mundo.

Todas as religiões vivem esse sentimento de uma forma própria, mas como valor e como base, é igual. Como católico, acredito que o Amor a Deus é incondicional, a comunhão do íntimo da pessoa com o sagrado.

O Papa João Paulo II, afirmou que *"o Amor é uma virtude, uma dádiva de si mesmo e é o oposto de usar e de afirmar-se a si mesmo. Aplicado nas relações humanas, o amor verdadeiramente vivido e plenamente realizado é uma comunhão de entrega e receptividade, de dádiva mútua do eu e de afirmação mútua da dignidade de cada parceiro, com outros e com Deus."*

Neste sentido, todos nós conhecemos um trecho de São Paulo, que virou música da Legião Urbana que diz: "O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta." (Bíblia, 1 Coríntios - 13:4-7) Temos que ter a capacidade de descobrir em Deus o sentido da nossa existência e, de igual modo, de perceber que a vivência do Amor a Deus deve acontecer no nosso interior, nas nossas relações interpessoais e na sociedade que estamos inseridos. Como afirma Jesus Cristo, "Amar a Deus com todo o teu coração e amar ao teu próximo como a ti mesmo." (Bíblia, Marcos - 12:31).

3 - Amor Próprio e Realização Profissional: É sentir-se realizado e ver essa realização nos outros, pelo bom trabalho que você fez. É o querer bem e o cuidar de si mesmo,

buscando também, o sentimento de missão cumprida na vida profissional. Desde quando começamos a nos conhecer e nos amar, buscamos a aceitação das nossas qualidades e a melhoria dos nossos defeitos. Claro que muitas pessoas não se amam; outras exageram e acabam tornando-se "narcisistas"; buscam tudo para si e a vida tem que girar em torno delas. Por isso deve-se ter bastante cuidado com este tipo de amor. O sentimento de Amor Próprio, deve traduzir-se em ser uma pessoa centrada/equilibrada e em ações na melhoria da convivência com as demais pessoas.

Quanto ao sentimento presente na realização profissional, seria uma forma de amor que prioriza o lado prático das coisas. O indivíduo avalia todas as possíveis implicações antes de se pôr a caminho. Pode levar em conta o conforto material, mas acima de tudo, busca o sentimento de dever cumprido e reconhecimento na profissão que escolheu para se realizar como pessoa e socialmente.

Gostaria de fazer um destaque especial ao sentimento de amor que os educadores vivem na prática e como deve ser cultivado. Nesse sentido o Papa Francisco diz: *"A educação é um ato de amor, é dar a vida. E o amor é exigente, exige o emprego dos melhores recursos, para despertar a paixão e o colocar-se a caminho junto aos jovens e crianças, com paciência."* Conforme me expressei em outro texto, sem amor, a





coluna

vida se torna um rio sem nascente, um mar sem ondas, uma história sem aventura! Mas, não podemos esquecer que para amar os outros, em especial os educandos, primeiro precisamos ter um caso de amor conosco. A educação é um processo de amor. É preciso acreditar na nossa sensibilidade e potencial, para viver o belo desafio de educar as crianças para a vida plena. Como diz Rubem Alves, "os educadores, antes de serem especialistas em ferramentas do saber, deveriam ser especialistas em amor: intérpretes de sonhos!" Esse mesmo sentimento podemos perceber no texto do poeta Mario Quintana: "Sentir primeiro, pensar depois. Perdoar primeiro, julgar depois. Amar primeiro, educar depois. Esquecer primeiro, aprender depois. Libertar primeiro, ensinar depois. Alimentar primeiro, cantar depois. Possuir primeiro, contemplar depois. Agir primeiro, julgar depois. Navegar primeiro, aportar depois. Viver primeiro, morrer depois."

4 - Amor Paixão: quem não olha para a Lua e lembra-se da pessoa amada? A lua é a inspiração dos apaixonados. Como a lua não tem brilho próprio, mas espera e vive do brilho do sol, o mesmo ocorre com esse amor, no qual cada um de nós depende e vive em função da paixão do(a) amado(a). No grego esse sentimento dos casais era representado por Eros, designando a parte da paixão/amor que uma pessoa sente pela outra. É sentimento como sinônimo de sensualidade, que leva à atração física e depois às relações sexuais, porém sabemos que só isso não sustenta o amor de um casal.

A paixão é um forte sentimento que pode se tornar até mesmo como uma patologia provinda do amor. Manifestada a paixão, em certas circunstâncias, o indivíduo tende a ser menos racional. Sendo assim, o apaixonado pode transcender seus limites no que tange a razão. É o amor que tira você do chão, que tira as palavras, que sufoca, que tira o sono... Este sentido fica claro na letra da música Iris, do filme Cidade dos Anjos, "*Eu desistiria da eternidade para tocá-la, pois eu sei que você me sente de alguma maneira. Você é o mais perto do paraíso do que eu jamais estarei e eu não quero ir para casa agora. Tudo que eu sinto é este momento e tudo que eu respiro é a sua vida porque, mais cedo ou mais tarde, isso poderá acabar, eu só não quero sentir a sua falta essa noite.*" O Amor é um sentimento e a Paixão é a emoção. Quando estamos apaixonados, este sentimento faz disparar o coração, nos tira a fome e nos faz suspirar ao ouvir ou pronunciar o nome da pessoa amada, que nos atrai a atenção. Sem olhar o que teríamos de deixar

para trás, trocam-se horas por ricos segundos na companhia de quem nos encanta.

Contudo, embora envolvidos completamente por este sentimento, não podemos perder de foco as descobertas dos valores e qualidades daquele(a) que nos faz sonhar, a fim de avaliar o futuro desse relacionamento. Viver com alguém é sentir-se amado e doar-se em forma de amor ao outro. A relação amorosa deve se fundar e ser baseada no respeito ao outro, na confiança e na capacidade para resolver conflitos.

Claro está a importância de ver que esse Amor não significa apenas envolver-se com a pessoa perfeita, aquela dos nossos sonhos, pois não existem príncipes, nem princesas. Deve-se encarar a outra pessoa de forma sincera e real, exaltando suas qualidades, mas sabendo também de seus defeitos. A confiança entre parceiros, uma comunicação aberta e honesta, um sistema de valores em comum, empatia/sinergia, o equilíbrio entre individualidade e conjugalidade, e a maturidade emocional são aspectos importantes para o convívio saudável do casal. Já que o amor é verdadeiro, quando encontramos alguém que nos transforme no melhor que podemos ser.

5 - Amor Amigo: Quem nunca sentiu um abraço de amigo que transforma, que acolhe, protege, incentiva... que você não quer soltar e quer que dure para sempre? O Amor Amigo é o amor que valoriza a confiança mútua, o entrosamento e os projetos compartilhados. O sentimento pode ser muito forte e para toda a vida. Os amigos tendem a ter relacionamentos afetuosos e de cumplicidade. Cativam um ao outro e sentem saudades pela distância e, em geral, mantêm ligações bastante duradouras e estáveis. Os amantes aqui revelam satisfação com a vida afetiva. É um amor que acontece entre grandes

“**A relação amorosa deve se fundar e ser baseada no respeito ao outro, na confiança e na capacidade para resolver conflitos.**”



coluna

amigos, que conhecem muito bem um ao outro, sendo que, muitas vezes, pode ser o início de uma paixão e de uma vida a dois. Amigos possuem um sentimento de reciprocidade capaz de dar início e alargar as relações de afetividade entre duas ou mais pessoas. Como diz Mario Quintana *"a amizade é um amor que nunca morre."*

São pessoas para todas as horas... se gostam e se aconselham... um guarda os segredos do outro. A amizade é um dos tipos de amor mais puros que existem, é desinteressada e sem cobrança. Amigo é aquela pessoa que permanece, quando todos os outros se forem.

Para mim o melhor texto que expressa esse amor é o de William Shakespeare quando compara Amor e Amizade: *"Perguntei a um sábio, a diferença que havia entre amor e amizade. Ele me disse essa verdade... O Amor é mais sensível, a Amizade mais segura. O Amor nos dá asas, a Amizade o chão. No Amor há mais carinho, na Amizade compreensão. O Amor é plantado e com carinho cultivado... a Amizade vem faceira e com troca de alegria e tristeza, torna-se uma grande e querida companheira. Mas quando o Amor é sincero ele vem com um grande amigo, e quando a Amizade é concreta, ela é cheia de amor e carinho. Quando se tem um amigo ou uma grande paixão, ambos sentimentos coexistem dentro do seu coração."* Eles são sentimentos tão fortes e, importantes igualmente, que a gente guarda no mesmo lugar, no coração. Esse é Amor Amigo.

6 - Amor ao Próximo: É o amor que significa altruísmo e generosidade as outras pessoas. Como diz Mahatma Gandhi, nesse sentido *"o amor é a força mais sutil e abstrata, e também a mais potente que há no mundo"*, pois pode construir e transformar a comunidade e a sociedade. É a dedicação ao outro que vem sempre antes do próprio interesse. *"Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso, eu amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo, que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade."* (Paulo Freire)

Quem pratica esse estilo de amor entrega-se totalmente à relação e não se importa em abrir mão de certas vontades para a satisfação do ser amado (o próximo). Investe constantemente no relacionamento, mesmo sem ser correspondido. Sente-se bem quando o outro demonstra alegria. No limite, é capaz até mesmo de renunciar ao outro se acreditar que este possa ser mais feliz com outra pessoa ou outra situação. É visto por mui-

tos, como uma forma incondicional de amar. Pois como escreve o Dalai Lama, *"o amor e a compaixão são necessidades, não luxos. Sem eles a Humanidade não pode sobreviver."*

Em face do exposto, é importante não esperar que os outros façam ou transformem o nosso mundo do jeito que queremos; à maneira de que gostamos; a forma em que acreditamos. Antes, nós precisamos fazer a nossa parte, participando da responsabilidade coletiva por toda a humanidade.

No amor à humanidade, alia-se um sentimento interior com um compromisso social por um mundo melhor. Neste sentido, gosto muito de um texto de Gandhi, *"se eu pudesse deixar algum presente a você, deixaria aceso o sentimento de amar a vida dos seres humanos. A consciência de aprender tudo o que foi ensinado pelo tempo na história. Lembraria os erros que foram cometidos para que não mais se repetissem. A capacidade de escolher novos rumos. Deixaria para você, se pudesse, o respeito aquilo que é indispensável. Além do pão, o trabalho. Além do trabalho, a ação. E, quando tudo mais faltasse, um segredo: o de buscar no interior de si mesmo a resposta e a força para encontrar a saída."* É a busca do melhor de cada um de nós para a construção de uma fraternidade coletiva universal.

Para concluir...

Bom, depois de tudo isso, gostaria de dizer que me considero uma pessoa que sente e vive com Amor. Foi isso que levei em conta e foi o que tornou possível escrever essas linhas. Escrevi com sentimento, com emoção, com o coração... e com amor. Por isso penso que seja uma reflexão verdadeira. Mas sabemos que sempre temos o que aprender e crescer no amor. Entretanto, como vimos, o Amor é um dos mais puros sentimentos do ser e entre os seres humanos. É um sentimento potente, que vai além do simples gostar de si e de gostar de outras pessoas. É importar-se com o outro, é viver na reciprocidade, é sair de si para se colocar na pessoa do outro... Para viver em plenitude, devemos buscar viver todas essas dimensões do amor.

É na vivência desse amor pessoal e interpessoal que frequentemente associamos sentimentos tais como: Carinho (sentimentos de ternura e querer estar próximos); Atração (satisfazer necessidades básicas emocionais); Altruísmo (preocupação para com outro); Reciprocidade (o amor de duas vias); Compromisso (um desejo de manter o amor); Intimidade emocional (a troca de emoções e sentimentos); Amizade (espírito e laços profundos entre amigos, muitas vezes, mais que irmãos);



coluna

Parentesco (laços familiares); Paixão (desejo constante pelo parceiro, alterando o ritmo cardíaco); Intimidade física (compartilhamento do espaço pessoal e íntimo); e Serviço (o amor desinteressado do desejo de ajudar os outros).

Como podemos perceber, o amor é tudo isso... por isso tamanha importância. Faz parte da razão de existir de cada um de nós. Dessa forma, justifica-se a máxima: *"é necessário um minuto para sentir afeto por uma pessoa, uma hora para gostar dela e um dia para amá-la, mas é preciso uma vida inteira para esquecê-la"*.

Como dizia Erich Fromm, *"o amor é uma arte, assim como viver, e ...essa arte precisa ser construída"*. Por isso o amor perpassa a integralidade da pessoa. É o ser e o viver de cada um de nós... é a Vida em Plenitude! É o desejo de: ser uma pessoa integrada e melhor; viver intensamente uma relação maternal/paternal; é a vivência íntima e profunda com Deus; viver o companheirismo, o respeito e uma relação construtiva na vida profissional; viver uma profunda relação de amizade; é o desejo e a efetiva colaboração, enfim, na construção de uma sociedade mais justa, democrática e igualitária para todos os seres humanos.

Bom, podemos ou não ter amor entre amigos? ...na minha humilde opinião, claro que sim... na verdade eu tenho certeza. Gostaria que todas as pessoas pudessem sentir e viver essas várias dimensões do amor! Compartilho, em derradeiro, as palavras de Shakespeare, *"Aprendi que não posso exigir o amor de ninguém... posso apenas dar boas razões para que gostem de mim... e ter paciência para que a vida faça o resto!"*

ÉDIO JOÃO MARIANI
Diretor Geral
Colégio Cristo Rei



resenhas e sugestões



Revista Mundo Jovem

Para quem procura ficar antenado/a no que está acontecendo em nosso país e no mundo, a Revista "Mundo Jovem – Um Jornal de Ideias" é a sugestão.

A revista, com edições mensais, traz assuntos que estão em debates, preocupando-se com a imparcialidade e clareza dos fatos. Evidencia também temas referentes ao universo juvenil e sua pluralidade.

Em ano de conferências municipais, na edição de Junho/2015, nº 457, "Mundo Jovem" publicou um artigo de Rui Antônio de Souza, mestre em comunicação social pela PUCRS, sobre a Democratização da Mídia e Controle Social, que vem de encontro com a dimensão da cidadania.

O Projeto Juventude Cristo Rei, também utiliza as matérias da revista para respaldar as ações e intervenções. Ficou interessado/a? Para saber um pouco mais acesse www.mundojovem.com.br.



LILIANE PETINI DE ANDRADE
Integrante da Equipe técnica da Juventude Cristo Rei e
Assistente Social da Escola Ir. Policarpo

galeria de artes



Curativo urbano

Intervenção Artística como conscientização sobre o Meio Ambiente

"Uma calçada e uma rua interessantes formam uma cidade interessante e se elas parecem monótonas, a cidade parecerá monótona."

Jane Jacobs – Morte e Vida das Grandes Cidades

No mês de Junho, foi realizada uma atividade que teve como propósito instigar os alunos do 9º ano a refletirem sobre os mecanismos de aprendizagem e propor a experiência artística como medida criativa para convocação dos mesmos em arte, meio ambiente e como podemos intervir e fazer algo, de forma bem humorada, que alertasse a administração pública de Marília-SP quanto aos buracos nas ruas e descuidos nos terrenos baldios da cidade. O que se investiga aqui não são os mecanismos de aprendizagem em arte, mas pela arte.

Nós, educadores, devemos ensinar aos nossos alunos a não perderem de vista nossa natureza coletiva. Devemos motivá-los a conduzirem suas prioridades individuais em direção ao bem estar comum. Uma "sociedade aprendente" deve incluir uma multiplicidade de formas de aprendizagem, estar atenta às novas demandas que envolvem situações de interatividade, mobilidade, conectividade e diversidade. O desenvolvimento sustentável demanda uma abordagem sistêmica (não fragmentada) de mecanismos de aprendizagem social onde há integração da lógica à emoção.

A atualização constante nos modos de ver, dos valores e das formas de interagir com o nosso meio são o primeiro passo nos processos de assimilação de novos conteúdos, capazes de promoverem reformulações sociais e reconfigurações do espaço.

A arte é um poderoso agente transformador da sociedade. Seu alcance se amplia quando aborda interdisciplinarmente. Integrada a programas educativos voltados para a apreensão de valores e para a adoção de uma postura sustentável, é uma alternativa de grande potencial.

No transcurso da história cultural da humanidade, em inúmeros momentos a natureza tem servido de inspiração para a criação de obras de arte, em outros, como fonte de conhecimento e pesquisa, modelos de uma realidade. Porém, as relações arte e natureza, arte e meio ambiente, adquirem outras implicações ao enfatizar a função da arte como linguagem, ou seja, como veículo de comunicação que expressa ideias e sentimentos. Na comunicação de conceitos culturais transmitidos por meio da obra de arte se observa uma importante fonte de atuação na relação arte e meio em que vivemos.

O artista é partícipe de sua época. Como agente comunicador trabalha questões referentes a sua vivência como in-





galeria de artes

divíduo, e como ser humano inserido em um contexto social cada vez mais globalizado. Atualmente são diversos os artistas preocupados em expressar conteúdos relacionados com o meio ambiente. E esta relação arte e meio ambiente ocorre de forma variada.

No Brasil, já desde alguns anos, diversas produções vêm abordando a temática ambiental. Só para citar alguns, usei como exemplos com os alunos: o documentário Lixo Extraordinário sobre a obra de Vik Muniz, dirigido por Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley, que levantou reflexões sobre problemas, tais como exclusão social e o passo a passo do seu processo criativo.

Também apresentei aos meus alunos a intervenção urbana de Alexandre Orion. Mostrei que Orion viu o que ninguém via. Na passagem subterrânea entre a Avenida Europa e a Avenida Cidade Jardim, da cidade de São Paulo. As partículas dos poluentes, lançadas pelo escapamento dos carros que passavam pelo túnel, foram grudando furtivamente nos painéis, que antes eram amarelos, que lhe recobriam as paredes, que se enegreceram. Ninguém mais notara as mudanças. Madrugadas a fio, Orion descascou cuidadosamente a fuligem, recolheu a película que tirou para usar como tinta em suas obras, foi desenhando uma galeria de caveiras que estendeu-se pelo túnel. Nascia "Ossário".

Entendemos que desta forma é possível desenvolver o senso crítico e estético dos alunos, incorporando as práticas e o acesso ao conhecimento de Arte, apontando para o fazer, representar e exprimir. Para Fusari e Ferraz (2001, p. 21):

É necessário repensar um trabalho escolar consistente, duradouro, no qual o aluno encontre um espaço para o desenvolvimento pessoal e social, por meio da vivência e posse do conhecimento artístico e estético. Esse modo de pensar o ensino e a aprendizagem de Arte requer uma metodologia que possibilite aos estudantes a aquisição de um saber específico, que os auxilie na descoberta de novos caminhos, bem como na compreensão do mundo em que vivem e suas contradições; uma metodologia onde o acesso aos produtos artísticos devem ser tanto ponto de partida como parâmetro para essas ações educativas escolares.

“Parece-nos impraticável a concretização da aprendizagem sem esta relação, que situa o aluno como ator social, contextualizando-o no mundo em que vive.”

Parece-nos impraticável a concretização da aprendizagem sem esta relação, que situa o aluno como ator social, contextualizando-o no mundo em que vive. Por sua vez, devemos mostrar-lhes que os movimentos sociais mudam e que devem acompanhá-los. Se uma das questões preocupantes no mundo atual é a preservação do meio ambiente, eles devem conhecer os meios que os levem a tratá-la, como por exemplo, neste estudo, por meio da arte. Além disso, devem ser conscientizados (e aos seus familiares) para que a questão ambiental não se resume a um simples trabalho escolar, mas que seja incorporado à vida de todos.

Como imaginar, então, que um aluno sinta interesse em uma aula que apenas lhe ofereça, no final, um certificado de aprovação? Uma aula que não lhe mostre caminhos para trabalhar seus potenciais, suas emoções? Uma aula que não o chame para mudar, para melhorar a sociedade em que está inserido?

Dessa forma, buscamos fazê-los refletirem sobre os mecanismos de aprendizagem e propor a experiência artística como medida criativa para convocação dos mesmos em arte.

Primeiro, apresentamos o trabalho de intervenção urbana de seis amigos da cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, que resolveram chamar a atenção para um problema recorrente nas ruas do país: calçadas esburacadas. Assim surgiu o Curativo Urbano. A ideia é muito simples: fazer uns band-aids coloridos (E.V.A.) gigantes e colá-los nos buracos das calçadas para chamar a atenção das pessoas para algo que pode passar despercebido para alguns, mas que afeta a mobilidade urbana, a interação das pessoas com a cidade e até o convívio social.

O band-aid foi escolhido pela sua imediata associação com um machucado e, conseqüentemente, algo que precisa ser curado. O grupo busca atrair a atenção para estes problemas de maneira simples e criativa, alertando para algo que pode passar despercebido para alguns, mas que aflige a cidade e,



galeria de artes

evidentemente, afeta os cidadãos.

A primeira intervenção aconteceu na Avenida Paulista, local de grande circulação em São Paulo, mas a ideia foi tão bem recebida que as intervenções foram estendidas para o Centro de São Paulo, Vila Madalena, Pinheiros, e para o Rio de Janeiro, no Botafogo e na Gávea. Inclusive, ações independentes levaram a intervenção para outras cidades do país e até mesmo para Roma, Itália.

De forma bem humorada, decidimos também fazer a nossa intervenção urbana, visando alertar a administração pública da cidade de Marília-SP, quanto aos buracos nas ruas e o descuido nos terrenos baldios da cidade. Decidimos fazer os curativos urbanos (figura 1), nos moldes da intervenção feita pelos paulistas e cariocas, só que ao invés de aplicá-los apenas nas calçadas, os alunos decidiram aplicá-los também nas ruas e nos terrenos sujos com entulhos de construção, mato e, em alguns casos, colchões e sofás velhos.

Fixação dos curativos urbanos nas ruas e calçadas

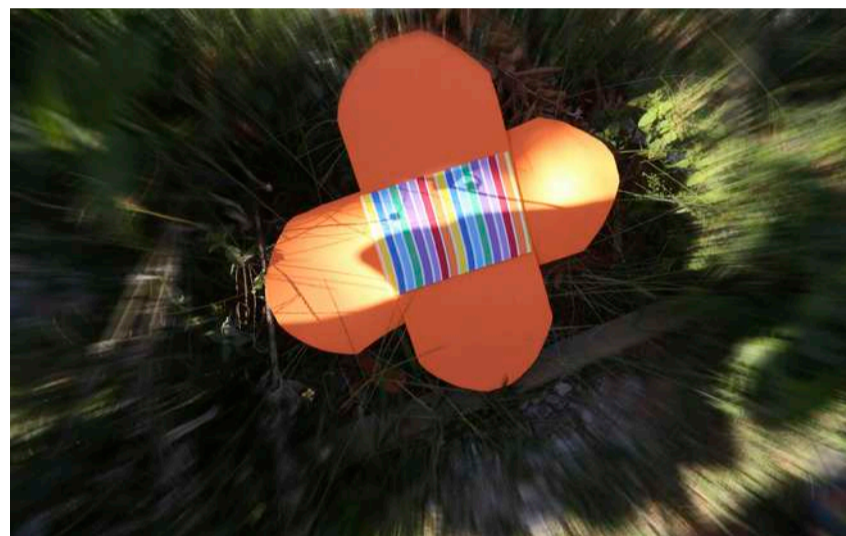


Após o feitiço dos curativos e de um cartaz que explicava o porquê dessa intervenção artística na cidade, na aula seguinte, conversamos com os alunos como fixá-los nos buracos e entulhos e como conversar com a vizinhança dos arredores para saberem o que eles acharam dessa ideia e da intervenção, como forma de criticar esse descaso público.



galeria de artes

Entrevistas com a vizinhança, sobre a sujeira e descuido da cidade.



Pelas imagens, podemos observar a alegria e o entusiasmo dos alunos. É como escreve Morin (2005, p. 76) “[...] é necessário aprender a ‘estar aqui’ no planeta. Aprender a estar aqui, significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar [...].”



galeria de artes

Fixação dos curativos urbanos no terreno baldio



A transmissão de conhecimentos, valores, e a formação de atitudes respeitadas para com o meio ambiente, são extremamente necessárias para podermos frear a deteriorização que o nosso planeta está sofrendo. Para que a mensagem possa atingir o maior número de pessoas, o papel do educador é de suma importância desde os mais variados âmbitos educacionais. Assim como, a divulgação dessa intervenção artística, para que haja uma formação artística, ambiental, facilita que o aluno tenha uma maior consciência, atuação e mobilidade na comunicação de valores ambientais.

O aluno Alexandre Boutrik, do 9º ano C e morador da vizinhança, comunicou que depois de 3 dias, a prefeitura municipal de Marília-SP, tampou o buraco mais preocupante e limpou alguns terrenos (os piores) sujos nos arredores do colégio. Os alunos se sentiram muito felizes e satisfeitos, com a sensação de missão cumprida.

Notas de rodapé

Termo empregado por Pedro Roberto Jacobi (2011). Lixo Extraordinário retrata o envolvimento do artista plástico e fotógrafo com os catadores de lixo reciclável no Jardim Gramacho-RJ (aterro sanitário). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=61eudaWpWb8> Acesso: 12 julho de 2015.

Intervenção urbana realizada por meio da limpeza seletiva da poluição depositada nas paredes de túneis da cidade de São Paulo, o autor denominou essa intervenção de Ossário. Disponível: <http://cargocollective.com/alexandreorion/OSSARIO> Acesso: 10 de maio 2012.

Curativo Urbano: um olhar lúdico para os problemas das cidades. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-130615/curativos-urbanos-um-olhar-ludico-para-os-problemas-da-cidade> Acesso em: 14 de julho de 2015.

Referências bibliográficas

FUSARI, Maria F. de Rezende; FERRAZ, Maria Heloísa C. de Toledo. Arte na educação escolar. São Paulo: Cortez, 2001.

JACOBI, Pedro Roberto. Novos rumos da educação na sociedade do conhecimento e para a sustentabilidade. Material de apresentação fornecido pelo palestrante. 2011.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes necessários à Educação do Futuro. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2005.

READ, Herbert. A Educação pela Arte. Edições 70: Lisboa, 1982.

VILELA, Miriam. Valores e princípios para sustentabilidade. Material de apresentação fornecido pelo palestrante. 2011.



Lucirene Lanzi

Professora de Artes do 8º e 9º anos do Colégio Cristo Rei

redações

de alunos



46 Redação - INTERNETÊS É PROBLEMA?

Mariana dos Santos de Almeida
Aluna da 1ª série do Ensino Médio

47 Redação - AMIGO DOS PATOS

Lucas Carrit Delgado Pinheiro
Rafael Adolfo Donega
Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental



redações de alunos



VESTIBULAR DE INVERNO – 2014
REDAÇÃO

TEMA 1

Escrita digital e clareza de expressão

Considerando sua experiência com a transmissão de mensagens pelo celular ou pela Internet, reflita sobre a afirmação de Thomaz Wood Jr:

Os alunos parecem acreditar que, em um mundo no qual a comunicação se dá por mensagens eletrônicas e tuites, escrever com clareza não é mais importante.

O que significa “escrever com clareza”? Você concorda com a ideia de que, na escrita digital, a clareza perde importância?

Para dissertar sobre o tema 1, você pode analisar as vantagens e desvantagens da escrita digital, compará-la com a escrita tradicional, entre outras abordagens, desde que relacione o ato de escrever com a necessidade – ou não – de se expressar com clareza.

TEMA 2

Motivos para estudar Matemática

Analfabeto funcional é a denominação dada à pessoa que, mesmo com a capacidade de decodificar minimamente as letras e os números, não desenvolve, entre outras habilidades, a de fazer operações matemáticas.

Por que aprender Matemática é essencial para a vida? Por que ela é muito mais do que uma disciplina importante para passar no vestibular?

Se escolher o tema 2, reflita sobre a utilidade dos conhecimentos matemáticos para realizar atividades do dia a dia e para a ascensão profissional.



redações de alunos

TEMA 3

Analfabetismo funcional

Existem pessoas que são lançadas ao mar, à vida, com pedaços faltando. Pedaços esses que correspondem às habilidades básicas para viver e se comunicar.

Vamos entender o que é analfabetismo funcional. 23/10/2012. <http://www.inovareduca.com>

Faz quase uma década que tais habilidades são avaliadas no Brasil, e o analfabetismo funcional persiste entre os mais jovens, afetando, inclusive, os estudantes do nível superior. Segundo o Indicador de Alfabetismo Funcional (Inaf), 38% desses estudantes apresentam dificuldades nas tarefas que envolvem leitura e escrita.

Caso opte pelo tema 3, analise as consequências do analfabetismo funcional entre os estudantes brasileiros e apresente sugestões práticas para recuperar o que estiver “faltando” e diminuir o problema.

PROPOSTA DE TEXTO

Com o objetivo de treinar os alunos do 1ª série do Ensino Médio para os Vestibulares, no final do primeiro semestre, em nossa Oficina de Redação, realizamos a prova da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), cuja coletânea é composta de três propostas de redação para que os vestibulandos selecionem apenas uma e elaborem um texto dissertativo, com extensão de 25 a 30 linhas.

Nas instruções, esta instituição destacava a importância de o candidato priorizar a originalidade, não copiando trechos dos textos presentes na prova nem dos parágrafos introdutórios às propostas, e informava o que poderia zerar a redação: não desenvolvimento de um dos temas propostos, ilegibilidade, escrita a lápis.

Os três temas propostos mantiveram, entre si, um assunto comum: a capacidade leitora (assunto presente nos textos da prova objetiva) cuja delimitação foi explicitada por meio da definição de analfabetismo funcional. Os temas, em sua totalidade, exigiam do vestibulando uma abordagem objetiva, destoando de anos anteriores em que uma das propostas, normalmente, abria espaço para uma reflexão mais pessoal e, portanto, subjetiva, na qual o ponto de partida para a dissertação exigia experiência pessoal.

O primeiro tema apresentado, “Escrita digital e clareza de expressão”, tinha como elemento motivador o pensamento de Thomaz Wood Jr (por meio de um fragmento do primeiro texto da prova objetiva), que destacava a relação entre a produção textual em meios digitais e a crença disseminada entre os jo-

vens de que tal escrita não carece de clareza. Assim, o candidato era instado a discorrer sobre vantagens e desvantagens da escrita digital, opondo-a à escrita tradicional, não podendo, no entanto, deixar de abordar a questão da necessidade de se escrever com clareza, esta era a delimitação do tema. As duas questões propostas como instigadoras para o desenvolvimento da tese reforçavam também tal delimitação, suscitando a discussão sobre o que significa um texto claro e sobre a relação entre escrita digital e clareza (ou a falta dela).

O segundo tema focava a importância do estudo da Matemática, questionando sobre sua importância para a vida (não apenas como condição de ingresso a uma faculdade). Partindo da definição de que analfabeto funcional é a pessoa incapaz de fazer operações matemáticas, visto que decodifica minimamente letras e números, essa proposta, assim como a primeira, convidava o vestibulando a dissertar sobre a necessidade de dominar conhecimentos adquiridos na escola, a fim de que se possa realizar atividades cotidianas e ascender profissionalmente. O candidato, então, poderia focar sua tese na presença ou não da Matemática em situações do cotidiano e, portanto, na importância de seu domínio para a vida prática.

O terceiro tema abordava, diretamente, o analfabetismo funcional, a partir de uma citação conotativa, que fazia uso de algumas metáforas, a fim de que o candidato estabelecesse relação entre pessoas “com pedaços faltando” e o analfabeto funcional. Tal tema encontrava suporte, de forma bastante explícita, nos textos da prova objetiva e no conceito de analfabeto funcional, presente na segunda proposta. A optar por



redações de alunos

este, o vestibulando deveria analisar as consequências provocadas pela presença do analfabetismo funcional entre os estudantes brasileiros. Uma saída seria estender o olhar para recentes resultados que apontam certas dificuldades de estudantes em ler e em interpretar textos simples, assim como em realizar operações matemáticas que envolvam as quatro operações. Além disso, vale lembrar que essa proposta exigia que fossem apresentadas soluções práticas, a fim de minimizar os problemas apontados pelo candidato.

Diferentemente das duas propostas anteriores, nessa terceira o vestibulando deveria, além de defender seu ponto de vista sobre o tema, propor soluções práticas e eficazes para a problemática apontada. Tal como no ENEM, nesse momento da redação, ao sugerir medidas de intervenção para este problema social, seria interessante o candidato revelar um olhar crítico e abrangente da sociedade e respeitar os direitos humanos.

Enfim, as três propostas (embasadas pelos textos da prova objetiva) foram pertinentes, visto que estão presentes no cotidiano do aluno de Ensino Médio e sua discussão possibilita reflexão sobre a importância da expressão clara da leitura e do domínio das operações matemáticas como condição para a cidadania.

Veja, a seguir, redação de uma aluna da primeira série do Ensino Médio, cujo tema aborda a primeira proposta: "Escrita digital e clareza de expressão".

REDAÇÃO

INTERNETÊS É PROBLEMA?

Com cada vez mais usuários, o acesso à internet no Brasil aumentou bastante nas últimas décadas e possibilitou novos hábitos de comunicação entre as pessoas, que acabaram se adaptando às facilidades da nova tecnologia.

Há quem veja nessa troca de informações em rede um fator negativo, já que a velocidade dessas mensagens pode ser um "prato cheio" para falta de clareza do texto devido ao excesso de abreviaturas, de gírias, de modismos e de desatenções por parte de redatores. Além disso, essa linguagem "apressada" e, às vezes, "cifrada" também afeta a modalidade culta, e o resultado nem sempre é positivo.

Embora não se possa afirmar categoricamente que a internet desfavoreceu o desenvolvimento de uma "cultura letrada", gírias e jargões do internetês vêm causando mal-entendidos tanto na escrita como na leitura. Mesmo assim, com o surgimento da sociedade em rede, a comunicação por meio da internet, nestes últimos anos, foi positiva porque proporcionou um contato maior entre pessoas por meio de atividades que envolvam a escrita e a leitura.

Tal fato pode ser observado nos sites de relacionamento como Orkut, Twitter e Facebook entre outros, que tornaram o ato de ler e escrever mais cotidiano e prático, sem nenhum prejuízo de clareza nisto, uma vez que a escrita e a leitura de textos tornaram-se hábito, deixando de ser exclusividade de atividades escolares. Nas redes sociais, por exemplo, podemos nos aproximar e nos surpreender com pessoas as quais não tínhamos a menor afinidade. E tudo isso pode ser obtido por meio da "linha do tempo", lendo, comentando opiniões e vendo as curtidas e os posts compartilhados dos usuários.

A comunicação por meio da internet, então, não deve ser vista como algo negativo, ao contrário, ela amplia nossa visão sobre as pessoas e estende nossas possibilidades de leitura. É claro que é preciso um olhar crítico, mas este deve ser papel do educador, que deve orientar a busca, a seleção e o gerenciamento de pessoas e de informações que estão disponíveis na rede. Quanto à escrita digital, não tacharia o internetês como um problema. Ele surgiu para atender ao novo papel da língua escrita, isto é, veio para servir como forma de comunicação rápida e dinâmica, anteriormente reservada à língua oral apenas.

Mariana dos Santos de Almeida
Aluna da 1ª série do Ensino Médio



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

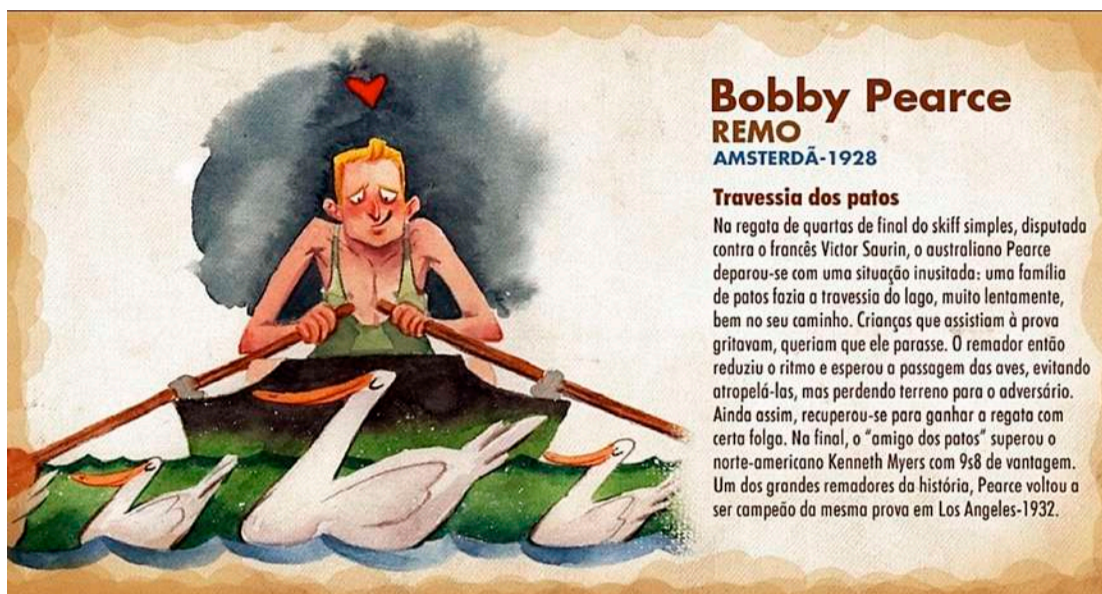
Este texto apresenta uma versão interessante sobre o tema "Escrita digital e clareza de expressão", como bem sugere a proposta. Tomando por base a coletânea fornecida, observa-se que esta aluna redigiu sua redação, demonstrando boa capacidade argumentativa e certo repertório pessoal. Dentro deste requisito, podemos dizer que esse texto é espontâneo, apresenta bom nível de informação e preenche todos os requisitos necessários para ser classificado como dentro da média em um exame de vestibular.



redações de alunos

PROPOSTA DE TEXTO

Este relato faz parte de um conjunto de histórias publicadas sob o título Histórias insólitas nos Jogos Olímpicos, na página UOL Olimpíadas 2016. Tendo como base o fato deste texto jornalístico, redija uma narrativa ficcional de final surpreendente.



AMIGO DOS PATOS

Os remos batiam violentamente na água, os caiaques moviam-se com a mesma fúria e velocidade de um navio militar, por isso era visível a fadiga no semblante dos remadores.

Esse era o cenário da final do Torneio Mundial de Remo em Londres. Enquanto a maioria dos atletas competia acirradamente, lado a lado, era possível enxergar Arthur Lejardan isolado na primeira posição. Como era invicto em torneios, nenhum competidor fazia frente a ele, que seguia decidido e incansável.

A torcida vibrava ao ver esse atleta remando para a linha de chegada. Até mesmo os mais céticos eram obrigados a reconhecer o talento desse remador. Entretanto, após passar os marcadores da última linha que sinalizavam os 250 metros da chegada, algo inesperado aconteceu. Este, talvez, seja o fato mais inusitado da história do torneio. Enquanto Lejardan seguia na dianteira, uma família de patos resolveu atravessar o lago naquele mesmo horário, cruzando a frente do caiaque desse atleta.

Os gritos da torcida cessaram e todos pararam para ver a reação de Lejardan que já estava prestes a alcançar a vitória. Para a surpresa de todos, ele parou para dar passagem aos patos e observou atentamente a travessia deles. Enquanto isso, um competidor austríaco alcançou Lejardan e passou a ocupar o primeiro lugar. A plateia silenciou, pois essa seria a primeira derrota do tricampeão dos remos, que acabara de ser rebaixado por causa dos patos do Lago Serpentine.

Mas, para o delírio dos torcedores, após o último pato passar, Lejardan remou freneticamente e reassumiu o primeiro lugar, conquistando o tetracampeonato e mantendo sua invencibilidade.

Lucas Carrit Delgado Pinheiro e Rafael Adolfo Donega - **Alunos do 9º ano do Ensino Fundamental**



COMENTÁRIO DA PROFESSORA

O destaque desta redação, como se pode observar, é que os autores não se limitaram a criar uma narrativa com final surpreendente, como bem sugere a proposta, mas a reunir fatos e a organizá-los de modo a produzir um efeito de sentido. Outros destaques desse texto são: sugestão de suspense no desfecho, domínio de linguagem e extenso repertório cultural. Parabéns aos autores!



PROFª. ELIANA N. DE LIMA PASTANA

Revista inovar

